

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

MARIA GERLIANE ALVES DA SILVA FREIRE

**A RESILIÊNCIA À LUZ DO CUIDADO DE JESUS COM A
MULHER SAMARITANA**

São Leopoldo

2018

MARIA GERLIANE ALVES DA SILVA FREIRE

**A RESILIÊNCIA À LUZ DO CUIDADO DE JESUS COM A MULHER
SAMARITANA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Ensino e Bíblia

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F849r Freire, Maria Gerliane Alves da Silva

A diaconia de Jesus como instrumento de inclusão social/ Maria Gerliane Alves da Silva Freire; orientador Rodolfo Gaede Neto . – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
93 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Mulheres na Bíblia. 2. Jesus Cristo – Opiniões sobre as mulheres. 3. Jesus Cristo – Exemplo – Ensino bíblico. 4. Resiliência. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARIA GERLIANE ALVES DA SILVA FREIRE

**A RESILIÊNCIA À LUZ DO CUIDADO DE JESUS COM A MULHER
SAMARITANA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Ensino e Bíblia

Data de Aprovação:

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Prof. Dr. José Adriano Filho – Faculdade Unida

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Uno, Vivo, Amigo, Pastor, Conselheiro e Senhor de minha vida. Sempre me surpreendendo com sua bondade, ajuda e fidelidade. Nele sei que nunca estou só.

À minha família em Brasília (Eduardo, Gabriel e Sara) que nestes dois anos me deram total apoio. Em especial meu querido marido pela sua ajuda financeira, moral, emocional e pela sua parceria nas correções gramaticais dos trabalhos. Por isso, o considero como um homem diferenciado. Em especial à minha filha, a qual, por dois anos consecutivos, na sua data natalícia (19 de julho), não pude estar presente em razão da minha estadia no Mestrado. Mesmo assim, nunca me cobrou nada, sequer, presentes! Deus lhe retribuirá em dobro.

Aos meus professores e minhas professoras, Doutores e Doutoradas, Mestres e Mestras pelo ensino dedicado nesta respeitada Instituição. A minha sábia Coordenadora do curso do Mestrado Profissional, Doutora Gisela Streck. A todos os funcionários e todas as funcionárias da EST, em qualquer posição funcional em que se encontre. Pensem num povo laborioso, dinâmico e simpático.

Não poderia deixar de agradecer às minhas companheiras de hospedagem, em São Leopoldo: Aparecida e Auxiliadora, todas Unidas no Mestrado por um propósito de crescimento. São muito fortes, íntegras e inteligentes, como foi bom aprender com vocês.

Aos colegas e as colegas do curso por estes dias em que passamos juntos, assimilando o conhecimento, e experimentando a Academia: Pastor Adalberto, Jason, Pastor Igor, Diaconisa Auxiliadora, Pastora Andreciliana, Padre Fernando, Pablo e, por fim, o jovem filósofo Eduardo. Muito obrigada a cada um e cada uma pelo cuidado, amor, perdão e compreensão. Fomos felizes. Esta irmandade se perpetuará, creio.

Aos meus vizinhos e minhas vizinhas de Brasília, Patrícia e Peter, pela inestimável cooperação inicial na correção gramatical e na formatação. Não posso esquecer-me do Vitor, pela disposição geral dos elementos visuais deste documento, obedecendo aos padrões da EST – Escola Superior de Teologia.

Ao meu Orientador, Doutor Rodolfo Gaede Neto, pela sua disposição acadêmica de caráter produtivo, construtivo, intuitivo e sensível no ensino. Todos os dias sou grata pela condução nos detalhes acrescentados a esse trabalho. Como falei no início sobre o meu desejo de honrá-lo.

Como escrito alhures: “Amigos são como estrelas nem sempre as vemos, porém sabemos que estão sempre lá”.

Quando uma mulher pensa, ela se movimenta, faz coisas que dão novas molduras e, quando necessário, separa o joio do trigo do pensamento de sua época. Ela não se intimida até completar o Ciclo de Visão do Mundo, o qual, até então, era unívoco.¹

Cooper

¹ Parafrazeando COOPER, 1892. Apud FIORENZA. Caminhos da Sabedoria. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009. p 73.

RESUMO

Jesus, por meio de seu cuidado, trouxe uma ruptura cultural com seu comportamento amistoso em relação às mulheres. No episódio da samaritana isto ficou muito claro, Jesus se desvia do caminho e se direciona para outro lugar, tão somente para socorrer uma aflita mulher samaritana. Nessa fascinante história percebe-se que o mestre concede um tratamento humano e intenso. Ele percebe que naquela mulher havia um potencial de força e de disposição que ainda não fora encontrado nem mesmo em seus discípulos. Ele trabalha fatores inconscientes, e traz para fora uma nova modelagem de mulher, que faria um grande diferencial em sua época. Naquele tempo a mulher não era vista como semelhança de Deus, mas sim, do pecado. Nesse episódio vemos o mestre Jesus conduzir de dentro para fora uma força resiliente e capacitadora na samaritana a fim de proporcionar a revelação do seu mais profundo nível emocional, espiritual e social. A partir daquele momento transformador ela não mais seria enxergada como uma mulherzinha infame e sem classe, mas, uma discípula do Mestre da Galiléia e uma verdadeira Evangelista.

Palavras-chave: Jesus, Mulher, Samaritana, Resiliência, Cuidado, Bíblia.

ABSTRACT

Jesus, through his care, brought a cultural break with his friendly behavior toward women. In the episode of the Samaritan this became very clear, Jesus turns aside and goes to another place, only to help an afflicted Samaritan woman. In this fascinating story one realizes that the master grants a human and intense treatment. He realizes that in that woman there was a potential for strength and disposition that had not yet been found even in his disciples. He works unconscious factors, and brings out a new modeling of woman, which would make a great differential in his time. At that time the woman was not seen as the likeness of God, but rather of sin. In this episode we see the Master Jesus guiding from inside to out a resilient and empowering force in the Samaritan woman in order to provide the revelation of his deepest emotional, spiritual, and social level. From that transforming moment she would no longer be seen as an infamous, classless woman, but a disciple of the Master of Galilee and a true Evangelist.

Keywords: Jesus, Woman, Samaritan, Resilience, Care, Bible.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O CUIDADO DE JESUS DE NAZARÉ PARA COM AS MULHERES	21
2.1 A NECESSIDADE DE ATENÇÃO, APOIO, CUIDADO E PROTEÇÃO À MULHER	22
2.2 A MULHER E A FALA POLÍTICA	24
2.3 OS MITOS E OS MEDOS NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER	28
2.4 INTERPRETAÇÃO RELIGIOSA DE EFÉSIOS 5: 21-33	34
3 OS FATORES DE PROTEÇÃO ABORDADOS POR JESUS COM A MULHER SAMARITANA	41
3.1 UM ESTUDO PELO “MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO E GRAMATICAL” DE JOÃO 4.3,4	41
3.2 ORIGENS DO TERMO RESILIÊNCIA E SEUS CONCEITOS	45
3.3 FATORES DE PROTEÇÃO INTERNOS E EXTERNOS DA RESILIÊNCIA	50
3.4 TUTORES DA RESILIÊNCIA	53
3.5 A RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE OUVIR O OUTRO	56
4 AS CONSEQUÊNCIAS BENÉFICAS DA RESILIÊNCIA PARA AS RELAÇÕES DE CUIDADO	61
4.1 DA RESILIÊNCIA E DAS RELAÇÕES DE CUIDADO	61
4.2 A IGREJA DO CUIDADO E SUA LITURGIA	67
4.3 O SABER CUIDAR ENVOLVE A HARMONIA COM O SER, A NATUREZA E A SOCIEDADE	71
4.4 SOFRIMENTO, RESILIÊNCIA E FÉ NA BÍBLIA	76
5 CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

O Cuidado de Jesus com as mulheres é explícito na Bíblia Sagrada, e, como disse Carvalho em seu Livro “*Quando a Graça Escandaliza*”, marcará sempre uma nova etapa na vida de uma pessoa² a ponto de todos enxergarem tamanha mudança. Foi assim na vida de muitas mulheres influentes nas Escrituras Sagradas como: Joquebede, Miriã, Tamar, Debora, Abigail, Rispa, Maria de Magdala, Maria de Betânia, a Pecadora que ungiu os pés do Messias, etc. Mas, o mais fascinante em termos de linguagem e comunicação, se encontra registrado na história da mulher Samaritana, no Evangelho de João. Como na tradição judaica uma mudança de roupas pode sugerir um início de transformação de um status para outro, assim é o cuidado do Mestre na vida das mulheres por meio de sua graça.

No entanto, este procedimento utilizado por Jesus não era bem aceito perante a cultura e tradição da época. No início das civilizações houve descaso quanto ao sexo feminino, gerando consequências desastrosas não somente na pessoa e família, mas na própria sociedade. Diante disto, devido à carência deste cuidado é necessário apresentar as necessidades de uma atenção mais acurada por parte das famílias, dos órgãos públicos, da sociedade e, neste mesmo contexto, da Igreja para com a mulher, no intuito de demonstrar seu histórico de sofrimento e erros de interpretação dada ao gênero feminino. Sendo assim, é importante destacar o histórico das mulheres e sua evolução na fala dentro do contexto social, político e familiar visto ser um recurso roubado do cenário feminino por milênios. Assim, as mulheres foram taxadas de incompetentes, mexeriqueiras e assemelhadas ao pecado e à luxúria, observadas com desconfiança e indignas, inclusive, para o aprendizado e sacerdócio.

Outro fator determinante está na interpretação do valor e da pessoa do feminino apresentada dentro do cristianismo. Na Carta aos Efésios, no capítulo 5. 25-33 é retratado o fato de que durante séculos o enfoque é dado ao entendimento da mulher e sua competência, levando a sociedade, a igreja e a própria mulher a assumir uma compreensão desumana de submissão cega, e dependência incondicional de uma tutoria masculina, tornando-a neutra e sem valor. As consequências da aceitação das versões difundidas quanto à mulher no mundo antigo e nas sociedades

² CARVALHO, Tiago Samuel. *Quando a Graça Escandaliza*. São Leopoldo. Sinodal. 2017. p. 309-310.

helenizadas, deixam reminiscências até hoje em muitos países, como no Brasil, onde ainda há aceitação dos maus tratos e do convencimento social de que isto é natural, e o caminho correto para sua condição.

Contudo, mesmo diante deste quadro, no mundo antigo ninguém, até então, havia demonstrado tamanho amor, cuidado e zelo pelas mulheres como Jesus. Em especial, podemos exemplificar a história da Mulher Samaritana, narrada pelo apóstolo João no capítulo quatro (4) de seu Evangelho. Ele nos mostra o interesse pessoal de Jesus em atender esta mulher que vivia vários conflitos existenciais em sua vida, dentre eles podemos destacar os de natureza pessoal, familiar, conjugal e social. Dificuldades não mais suportáveis para ela. No texto narrado em João 4.4 “Entretanto, era-lhe necessário atravessar por Samaria”, o Mestre muda seu itinerário, pois iria para a Galileia, para poder passar na cidade pobre de Sicar, e ali, junto a um poço, (sentado) espera a chegada de sua mais nova discípula e futura missionária, totalmente cheia de dissabores e chagas na alma. Sua determinação agora, apesar do horário (12h), não era alimentar o corpo como pensavam os discípulos, mas, fazer a vontade do Pai, suscitando uma ferramenta poderosa naquela região estigmatizada pelo discurso judaico do mundo antigo.

O intuito desta obra é enfatizar o trabalho do Mestre Jesus por meio dos fatores de proteção abordados frente à mulher samaritana, evidenciando, assim, uma mudança radical em sua vida.

Por fim, pretende-se chegar a uma compreensão de que a Bíblia, por meio dos ensinamentos e histórias nela contidas, enfatiza a valorização do homem e da mulher e seus sentimentos pessoais. Deus fez o homem como fez a mulher, e os capacitou com talentos e características distintas, sendo para sua glória e louvor toda a sua criação, então, tanto homens quanto mulheres, são obras primas de sua manifestação Criacional, e únicos em características especiais herdadas do próprio Deus. No entanto, ao longo dos anos, algo foi se perdendo, distanciando o ser humano do caráter divino, dando lugar ao pecado e à corrupção do gênero. Neste viés, vemos a depreciação do homem com sua própria carne, adjutora e semelhante, deixando a desejar no trato, atenção e devido respeito, ao ponto de a mulher ser estampada, em determinada época e lugar, como o pivô central da queda do homem, a imagem do pecado, e porque não dizer do próprio diabo. Diante disto, vemos a mulher gravitando

em volta do que chamamos de serviço de Deus: sociedade, família e trabalho. Mas, com a Nova Aliança, Jesus demonstrou sua vontade, que era a do Pai, de resgatar a mulher e posicioná-la no seu devido lugar, de onde nunca deveria ter saído.

Diante disso, percebe-se que a mulher samaritana, uma pessoa forte, devido aos dilemas e traumas vivenciados ao longo de sua jornada, e que, como qualquer ser humano, estava propensa às intempéries da vida. Alojada à beira de um poço, físico e espiritual, essa mulher provoca em Jesus uma mudança de expectativa, quando Ele, ao sair de uma região para outra tem o seu foco deslocado para um ponto em Samaria, com o objetivo de cuidar e salvar uma ovelha querida, tratar e curar as suas emoções, ajudá-la a ressignificar os seus traumas, para poder evidenciar nela um grande potencial de resiliência. A mulher Samaritana foi um ícone do seu tempo e uma das primícias do evangelismo, e porque não dizer uma heroína da fé que saiu do raso para mergulhar no mais profundo relacionamento com Deus.

2 O CUIDADO DE JESUS DE NAZARÉ PARA COM AS MULHERES

Neste ponto, abordaremos as necessidades de um maior cuidado por parte das famílias, dos órgãos públicos, da sociedade e da Igreja, para com a mulher. O objetivo é apontar o histórico de sofrimento e, também, os erros de interpretação cometidos por tanto tempo, frente ao gênero feminino. Trataremos do histórico, e de sua progressão quanto ao direito da fala num contexto social, político e familiar. Durante séculos as mulheres foram tratadas como incompetentes, mexeriqueiras, comparadas ao pecado, à luxúria, observadas com desconfiança, indignas para o aprendizado, e para o ofício sacerdotal.

De uma análise crítica à Carta aos Efésios, Capítulo 5, versículos 25-33, a interpretação extraída desta epístola, durante séculos, deu um viés inapropriado sobre o feminino, instigando a sociedade, a igreja e a própria mulher a uma perspectiva distorcida da verdade, e do seu real valor. Em razão disso, a mulher seria sempre supervisionada por um tutor homem, tornando-a neutra e destituída de autoconfiança. Os efeitos desse entendimento foi um comportamento de aversão e desvalorização do sexo feminino, tanto no mundo antigo helenizado, com reminiscência até hoje em muitos países, inclusive no Brasil, instituindo a aceitação social, familiar e política dos maus tratos. Como resultado, a sociedade foi persuadida a aceitar, como aceitável, esse tipo de tratamento.

Entretanto, levando em consideração o papel de Jesus em sua época, há um legado para as igrejas futuras que rompe com a cultura enraizada de discriminação e menosprezo para com as mulheres. Jesus, acima de tudo, não apenas permitiu acompanhar-se por mulheres, como as tocou, levantou, escutou, defendeu e honrou a sua existência. A ruptura desta hegemonia masculina e sexista veio, a princípio, antes mesmo de a igreja lançar seus primeiros alicerces; seus primórdios remontam ao próprio Jesus. Diante disso, temos uma das maiores revelações do cuidado promissor de Jesus com a mulher de Samaria. Após o encontro, e as revelações mútuas de quem era quem, ela, por fim, deixa seu cântaro a fim de prosseguir com aquilo que fora retirado do contexto feminino desde a queda do homem (humano). Ela saiu para exercitar a sua condição de igualdade em relação aos homens, em razão da sua semelhança com Deus. Ademais, sua autoestima, seu respeito próprio, assim como seu lugar de adjutora (aquela que está ao lado) na obra evangelística junto aos demais

discípulos/apóstolos (Rm 16), foi edificada como consequência da postura de Jesus ao seu respeito. O fato é que esta mulher participou efetivamente do comando mais importante de Jesus, qual seja, o “Ide da Igreja”.

2.1 A NECESSIDADE DE ATENÇÃO, APOIO, CUIDADO E PROTEÇÃO À MULHER

A mulher deve ser cuidada por sua família, principalmente, quando esta se encontra vulnerável diante da comunidade, pois é seu apoio principal. De outro modo, também deve ser amparada pela comunidade e pelo governo, por meio das políticas públicas, educação e saúde, de onde advém o seu apoio secundário. Logo, quando esse entendimento é assimilado, podemos vislumbrar consequências positivas. Na compreensão teológica feminista, isto atinge todo um contexto social e não somente o gênero feminino em si.³

Renato Sabbatini, afirma que as mulheres são melhores que os homens em relações humanas, em conhecer aspectos emocionais nas outras pessoas e na linguagem, [...], na linguagem verbal, [...] mulheres se sobressaem nas características de: sensibilidade, compreensão, flexibilidade, assertividade, persuasão, atitude, inclusive, habilidades interpessoais, [...] sendo mais propensas a ignorar regras e se arriscarem, [...] se preocupa com o coletivo, [...] tem visão do futuro, [...] transforma desafios em oportunidades [...] isto faz sua liderança única.⁴

No documentário produzido por Marcos Prado, “*Estamira*”,⁵ ele mostra como nossa sociedade é insensível, ao ponto de menosprezar indivíduos diferentes, rotulando-os como grupos minoritários. A ideia central reproduzida revela o estado mental e a miséria econômica de uma mulher que, apesar de todo o esforço que fez para estar incluída dignamente na sociedade e na família, encontra-se, há pelo menos vinte anos, dentro do lixão do Jardim Gramacho-RJ, catando restos de alimentos e objetos para poder sobreviver e ajudar seus filhos.

Apesar de uma vida difícil e sem muitas perspectivas, Estamira tem uma visão própria do que realmente ocorre com ela e a sociedade. Em seu depoimento fala do

³ FRIGOTTO, Silvana Maria. *Mudança social e os impactos na rede de atenção, apoio, cuidado e proteção da mulher*. São Leopoldo, RS, 2014. 136 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014. p. 25.

⁴ SICHERA, Oracélia Rosa. *Manual do Líder Coach*. Desperte o líder que existe em você. Brasília, DF: Editora Saphi, 2016, p.116.

⁵ PRADO, Marcos. *Estamira*. Documentário. Brasil: Rio Filme, Zazem produções Audiovisuais, 2006. Duração 115 min.

lixo descartado, porém, como motivo de sobrevivência para uns. Talvez pela sua história de desprezo e sofrimento, no seu entendimento, “Deus não existe”. Para muitos, inclusive seus filhos, Estamira é tida como louca e até mesmo uma bruxa. Marcos Prado, ao defrontar-se com a emocionante visão de um mar de lixo e seu cheiro insuportável, testemunhou crianças, homens e mulheres sem nenhum recurso, misturados ao caos daquele cenário de rejeição e tristeza.

Estamira foi sobrevivente de um prostíbulo, dois casamentos regados à traição e alienação parental. Sua família deveria ser um porto seguro, todavia, tornou-se o estopim para suas alucinações como uma válvula de escape.

No segundo momento, o documentário retrata quão falho estão os programas de governo e as políticas públicas que, apesar de amenizarem a situação, não dão o real suporte necessário. Mas, apesar de tudo, Estamira passa para o mundo sua forte resiliência em não se dobrar perante as circunstâncias, e administra seus ataques de insanidade e lucidez, com ânimo, trabalho e jocosidade. Mesmo não tendo o suporte financeiro, social e familiar, ela não desamparou seus três filhos nem sua mãe, que sofria também de esquizofrenia, antes, cuidou de todos, mesmo padecendo de seus males.

A própria Bíblia ensina sobre o cuidado com as pessoas, em especial aquelas que para a sociedade têm menos capacidade de serventia. Porém, os olhos de Deus estão sobre eles para os protegerem e aliviar os seus sofrimentos: “A religião que Deus, o nosso Pai reconhece, como sincera e imaculada, é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e, especialmente, não se deixar corromper pelas filosofias mundanas” (Tiago 1.27, KJA). Tudo isso visando um bem estar social comum a todos.

Jesus viu, na Mulher de Samaria, esse descaso. Não existia lugar para ela entre os “politicamente corretos”, num contexto familiar e social. Ela deveria se contentar com os lixões para se alimentar e sobreviver. Ninguém gostaria de viver perto de um aterro sanitário, e nem de quem fede, pois isso é inapropriado. Porém, parece que esses lugares terminam por se apropriar das pessoas, e estas terminam por incorporarem-se ao local. Desse modo, passam despercebidos como gente. O jeito será viver solitariamente à espera de um resgate, como verdadeiros invisíveis sociais, ou, o que é pior, com uma visibilidade, extraordinariamente, repugnante.

A necessidade de Jesus, no Evangelho de João, Capítulo 4, de passar por Samaria, transtornaria o mais convicto religioso judeu, pois isto implicaria em contaminação, em mistura, e em desrespeito com as leis farisaicas. Mas, para o Filho do Homem - Jesus, aquele seria o momento propício para fazer o diferencial, acudir uma alma aflita propiciando uma forma de saída do seu drama. A verdade é que a Igreja não pode tão somente esperar no ser natural, ou no governo do homem. Cabe a Igreja, sair do comodismo ritualístico e dos templos cinematográficos para ir ao encontro das ovelhas perdidas, feridas, e, muitas vezes, rebaixadas ao nível animalesco, pela sociedade.

2.2 A MULHER E A FALA POLÍTICA

A despeito dos grandes movimentos sindicais e populares dos últimos anos no Brasil, serem fomentados por mulheres, os cargos de lideranças, em sua grande maioria, continuam nas mãos de homens. Isto porque as mulheres eram consideradas sem capacidade para liderar, pois o conceito de muitos sobre o sexo feminino era de que elas eram: “faladeiras, emocionalmente instáveis, ociosas, fofoqueiras, levianas”,⁶ etc. A própria relação da mulher com o contexto da fala é algo, ainda, obscuro. Mesmo que, na modernidade dos últimos dois séculos (XX/XXI), tenha havido um desconstrutivismo desse entendimento, ainda se mantêm divergências sobre o que originou esse padrão de ideias. O receio da fala e da audição permeou o contexto social ao longo dos séculos e dos milênios, aonde o poder das mulheres, manifestamente inexistente, colocou o gênero feminino sobre a supervisão do homem. Observa-se, ainda no presente esse entendimento no nível do senso comum. Fato esse que preocupa, visto que a maiorias das pessoas se massificam exatamente nesse ambiente de princípios e ideias pré-concebidas.

As legislações vigentes, até pouco tempo, limitavam o papel feminino situando a mulher numa perspectiva de inferioridade, e sem o alcance dos requisitos mínimos concernentes a uma pessoa idônea, com capacidade para tocar, por si mesma, o seu lar e garantir a sua manutenção financeira. No contexto legal, sempre havia necessidade de um homem para impor-se como o chefe de família, cabendo para sua

⁶ CÔSER, Silvana Maria Leal. *E no princípio era o verbo... Ou reflexões sobre a relação da mulher com a fala política*. Educação e Realidade, Vol./No. 15/2, 1990. p. 59.

adjutora o somente ajudá-lo.⁷ A visão do estar sob a mesma missão não era respeitada, principalmente no meio religioso cristão.

Com o tempo, as coisas foram tomando outros rumos e a igualdade chegou para equiparar, ao menos em tese, os dois sexos. Essa percepção está muito clara nas Escrituras Sagradas, e bem fácil de assimilar a sua compreensão. O papel de um não despreza o valor do outro e as funções de cada um têm seu real valor num processo em conjunto e coeso. O apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos, Capítulo 16, frisou e assinou com o seu punho a relevância de ambos os sexos na obra do Senhor.

A realidade é que tanto o homem quanto a mulher, são portadores de defeitos e de qualidades, ou seja, todos têm seus medos, inquietações e limitações. O gênero masculino, frente à sociedade, ainda é podado nos seus sentimentos, reprimindo seus medos e choros. Entretanto, continua sendo exigido dele, a condição de caçador, provedor e protetor do gênero feminino. De outra banda, as mulheres são desencorajadas a serem fortes, retirando-se delas a possibilidade de, ao menos, tentar demonstrar a sua fortaleza. A elas são dados o direito ao choro e à súplica, demonstrando as suas pretensas fraquezas⁸. Como efeito disso, verifica-se a dificuldade das mulheres de se expressarem racionalmente. Em tudo, um dia, foram excluídas do social, e sua definição se limitava às coisas domésticas, envolta a filhos e trabalhos caseiros. Suas conversas eram tidas “como banais, cotidianas, repetitivas, [...]”.⁹

Suas ideias estavam sempre a mercê do aval do outro. A sua educação, por longos anos, carregava um emblema “de nunca se preparar para o exercício do poder”.¹⁰ Outra fonte do medo da fala está com os companheiros destas mulheres, atribuindo a elas tarefas sem relevância. Diante deste novo desafio, no presente século, vê-se a necessidade de uma nova modelagem, de uma posição altruísta e cheia de autoconfiança, o que alguns chamam de empoderamento.

⁷ CÓSER, 1990, p. 59.

⁸ CÓSER, 1990, p. 61.

⁹ CÓSER, 1990, p. 62.

¹⁰ CÓSER, 1990, p. 64.

Esta falta de hombridade por parte dos esposos se torna inoportuna, pois a mulher não necessita mais de alguém que não a valide ou menospreze sua capacidade intelectual, muito menos, a aliene de possibilidades de crescimento. Afinal, este comportamento, dos dois sexos, denuncia o medo tanto de ganhar espaço, quanto da perda deste. No caso da mulher, pelo seu histórico atual, será necessário enfrentar seus medos, dando lugar às oportunidades concedidas.¹¹

O filme “*As Sufragistas*”,¹² de Sarah Gavron, retrata bem este contexto político/histórico. Em 1912, em Londres, Inglaterra, ao princípio de uma nova era industrial e social, as mulheres ainda suspiravam por oportunidades no seio político, dentre elas, o direito de votar. Nesse contexto, emerge uma nova postura das sufragistas lideradas por Emmeline Pankhurst. Sua luta introduzia uma nova forma de pensar, e induzia as mulheres, principalmente da classe pobre/média, a se insurgirem contra a mentalidade social, política e educacional. Cansadas da invisibilidade, e de não serem reconhecidas como cidadãs, elas se levantam para contra-atacar com força. Seu lema “queremos ações não palavras”,¹³ introduziriam um novo cenário e ocasionaria confrontos radicais, em resposta às negativas dos parlamentares aos seus anseios.

No enredo do filme, são demonstrados os depoimentos de trabalhadoras simples de várias classes profissionais, a exemplo de fábricas e lavanderias. Seus testemunhos pessoais eram colhidos por representantes políticos no intuito de buscar sustentação “lógica” que desse subsídio no sentido delas, efetivamente, obterem o reconhecimento de sua voz política inerente. O filme retrata a falta de dignidade e respeito dispensados às funcionárias casadas, como aquelas que desde a sua mais tenra idade (10, 11 e 12 anos que sucediam mães e avós) eram expostas ao emprego escravo, pois trabalhavam três vezes mais que os homens, ganhavam muito menos, e não tinham direito de administrar seu salário, além de, em alguns casos, serem, habitualmente, molestadas sexualmente pelos seus chefes, ou seriam, senhores?

Quando ocorriam confrontos, as militantes que se expunham ao público eram gravemente feridas e cruelmente expostas à ignomínia social. Na falta de

¹¹ CÓSER, 1990. p. 64.

¹² AS SUFRAGISTAS. Produção de Sarah Gravon. Inglaterra. Londres. Pathé e Focus Features. 2015. Duração de 1h.47min.

¹³ AS SUFRAGISTAS, 2015, cena (0:05:10h).

argumentação para prendê-las, as mulheres casadas eram detidas e encaminhadas no camburão à porta de suas residências como uma maneira cruel de exposição da família e do marido. Diante disso, não raramente muitas delas eram espancadas e abandonadas pelos esposos. Como punição maior, embasada na lei, eram impedidas de ver e de criar seus filhos. Na ausência da mãe, os filhos eram ensimesmados com a máxima de que suas mães estavam loucas e doentes emocionalmente. Ademais, a lei amparava essa posição dos esposos concedendo a eles o poder de decidir sobre a vida dos filhos, ao ponto de unilateralmente darem seus filhos em adoção para outras famílias, por sua incapacidade de mantê-los sozinho.

Portanto, às mulheres era-lhes tirado o direito de criar os filhos por força de uma pretensa incapacidade moral, mental e emocional, oportunidade que os entregavam aos pais que, por sua vez, eram incapazes de enfrentar a sua criação, e, ironicamente, acabavam por colocar os meninos em poder de outros para criá-los.

A convicção dessas mulheres também expressava esperança de que Deus estava com elas, o que dentro de uma perspectiva teológica está correta, pois no filme retrata o apoio das igrejas em conceder-lhes um teto. Nos momentos de desespero elas verbalizavam versículos bíblicos retratando o consolo Divino: “E Deus enxugará de seus olhos toda a lágrima, e não haverá mais tristeza, nem pranto, nem dor, nem morte, pois a antiga ordem já passou” (Apocalipse 24.4; KJA)¹⁴. O versículo utilizado demonstrava o entendimento próprio que elas tinham a respeito da justiça divina sobre sua causa e que havia esperança para o futuro.

O filme termina com uma mártir entre elas, a morte de uma fiel e impulsiva militante, Emily Davison (1872/1913). No afã de que a causa das mulheres fosse percebida pelos meios de comunicação da época, se lançou na pista de corrida no Derby Epsom Downs, onde o rei Jorge V estava competindo, no intuito de que sua bandeira fosse visualizada pela imprensa em um momento único. Sua coragem superou as expectativas, pois, apesar do confronto haver lhe custado a vida, seu objetivo foi alcançado. Em sua lápide foi escrito: Women's Social and Political Union (WSPU) que traduzido: União Social e Política das Mulheres (USPM): “atos não palavras”.

¹⁴ AS SUFRAGISTAS, 2015, cena (0:51min:21s).

2.3 OS MITOS E OS MEDOS NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER

Sobre uma ótica diferenciada do surgimento do feminismo, o seu grito de independência nasce com a “Declaração de Sêneca Falls”, de Peter Gray, em 1848, NY, no intuito de lembrar a proeminência de duas mulheres: Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton, na Convenção Mundial contra a Escravidão (em 1840). A descrição “tardia”, na verdade se tornou em um insulto para os presentes daquela delegação, por não aceitarem duas ativistas (mulheres). Suas vozes foram forçadamente caladas e seus direitos suprimidos.¹⁵

Esta declaração de Sêneca Falls se antecipa a cem anos de um novo movimento conhecido como “feminismo radical”, apoiado, exclusivamente, no feminismo socialista e marxista. Mais tarde, essa atividade rompe os laços tradicionais abraçando a luta entre os sexos e não mais entre as classes.¹⁶

Houve outras ações que se somaram ao contexto feminista de hoje, entre elas os clubes das mulheres republicanas na Revolução Francesa (século XVIII). Elas lutaram, ferozmente, em associação com os homens, pelos direitos de igualdade, contudo, seus nomes posteriormente foram ofuscados na história.

Somente no século XIX esse movimento ganhou terreno devido às ambiguidades sobre a moral e a repressão sexual conhecida como a “Era Vitoriana”. As questões da duplicidade moral, argumentadas até mesmo pela ciência como parte de diferenças entre homens e mulheres, foram livremente ensinadas e copiadas como certo, contudo, repudiadas pelas mulheres desde o século XVII na França.¹⁷

No século XIX, a imagem da mulher alterna constantemente entre anjos e demônios, Maria virtuosa e a Eva corrompida e lasciva. Outro importante acontecimento neste período foi a “Revolução Industrial”. As mulheres ganham espaço nas indústrias e nas empresas, causando ciúmes entre os homens e uma acirrada luta entre classes. Em razão disso, mais tarde, são apontadas como usurpadoras dos cargos que seriam para os “pais de família”.

¹⁵ ALMEIDA, Cybele Crossetti de. A caixa de Pandora: um olhar sobre os mitos e os medos na representação da mulher. *Educação e Realidade*, Vol./No. 15/2, 1990. p. 68.

¹⁶ ALMEIDA, 1990, p. 68.

¹⁷ ALMEIDA, 1990, p. 69.

Um dos episódios violentos e marcantes naquele século foi a Greve de Chicago de 1857, oportunidade em que, mais de uma centena de mulheres foram mortas queimadas em uma fábrica de tecidos. Depois desse incidente terrível, surgiram os acordos trabalhistas e os tratados, nascendo, posteriormente, o “Dia Internacional da Mulher”.¹⁸

Em face do que foi falado, Almeida argumenta que Engels e Marx se contradizem em seus escritos a respeito das mulheres operárias. Engels, mesmo considerado um homem a frente de seu tempo, mostra-se preso a sua época no que tange às tradições e costumes sócio/familiares. Apesar de seus escritos serem influentes até nossos dias, poucos têm verdadeiramente argumentado quanto ao seu posicionamento aos diferentes assuntos de classes. Para Almeida, isto é deificar um ídolo morto.¹⁹

A referida autora questiona os novos pensadores por não confrontarem escritos conflitantes de Engels sobre pretextos ideológicos para aquela época. Dentre estes textos podemos ressaltar sugestões de Engels descrevendo as fábricas de sua época como lugares de orgias, em consequência dos dois sexos trabalharem juntos (feminino e masculino). Para ele, isso significava um amontoado de pessoas propensas a orgias.²⁰ O presente enfoque necessita de pensadores com mais embasamento científico, bem como de explicações mais conclusivas a respeito do assunto, com aplicabilidade para os dias atuais.²¹

Outro quesito importante para essa pesquisa está no fato de que as mulheres, dentro da mitologia e da história, se encontram como um instrumento pelo qual adentrou o pecado ao mundo. Diante disso, devemos lembrar duas personagens que carregam esse traço até nossos dias: Eva e Pandora. As duas carregam em suas características a curiosidade e a vontade do conhecimento acima da própria obediência a Deus, contrariando a criação e levando seu companheiro ao pecado e a queda.²²

¹⁸ ALMEIDA, 1990, p. 69.

¹⁹ ALMEIDA, 1990, p. 71.

²⁰ ALMEIDA, 1990, p. 71-72.

²¹ ALMEIDA, 1990, p. 72.

²² ALMEIDA, 1990, p. 74.

Por isso, do Oriente ao Ocidente, as mulheres são notadas com desconfiança e tachadas como castigo e uma ameaça. Analisando pelo pensamento Freudiano, há limitações das possibilidades para as mulheres quanto à sexualidade, devido à tradição e costumes da época. À vista disso, Almeida também encontra respostas quanto à origem desta nociva perseguição e desconfiança contra o sexo feminino durante todos esses anos.²³

Anterior ao século XIX pode-se averiguar os riscos que milhares de mulheres passaram por motivo de ignorância das Escrituras, em razão da fé cristã que dominava as maiores potências. Entre os casos de perseguições temos os das parteiras na idade média (século XVI e XVII), consideradas como bruxas porque “conheciam métodos anticonceptivos e até mesmo abortivos dentre outros, como também as funções reprodutivas e a sexualidade”.²⁴ Essa intolerância social, em todos os seus âmbitos, estava amparada pelo regulamento na França que mais tarde repercutiu em toda a Europa (1509). Qualquer outro meio utilizado, dali para frente, estaria contrariando tanto o governo como a Igreja dominante. A insubmissão aos comandos desse império seria acusada de traição, cuja sentença era a pena morte.

Nesse caso, a indireta era exatamente para as mulheres que praticavam o ofício de cuidadoras e parteiras, rotuladas agora entre o populacho como bruxas. Todavia, às mulheres não era permitido estudar e, menos ainda, lecionar. Dentre outras qualificações domésticas, elas estariam bem à frente de muitos médicos, em razão da experiência, e da necessidade de reconhecimento pelo próprio ciclo. Podemos concluir que elas seriam as primícias da homeopatia, fitoterapia e até mesmo da enfermagem. Não podemos negar que, por haver rejeição ao conhecimento feminino, muitas destas mulheres se enveredaram por caminhos contrários aos ditados por Roma.

No livro “*Mulheres que Correm com os Lobos*”²⁵ elas são comparadas com essa espécie, na medida em que os lobos foram perseguidos durante séculos e quase extintos devido à personificação do mal atrelada a eles. Do mesmo modo, a mulher também muito mal compreendida foi sofrendo seus males e intitulada como um ser não

²³ ALMEIDA, 1990, p. 74.

²⁴ ALMEIDA, 1990, p. 75.

²⁵ ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos. ROCCO. Rio de Janeiro. 1999.

pensante, selvagem, instintiva, traiçoeira, irracional e predadora dos homens. Contudo, como as lobas, elas geram seus filhotes, amamentam e os protegem.

É interessante que, na Grécia e Roma antigas, o consorte de Artêmis e Diana, deusas “*caçadoras, farejadoras e que sacavam as coisas que estavam a sua volta*”²⁶ era um lobo, demonstrando sua proximidade e intimidade com tal criatura. Vejamos o que a autora diz sobre isso:

Não importa a cultura pela qual a mulher seja influenciada, ela compreende as palavras mulher e selvagem intuitivamente. Quando as mulheres ouvem essas palavras, uma lembrança muito antiga é acionada, voltando a ter vida. Trata-se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido. Podemos ter-nos esquecido do seu nome, podemos não atender quando ela chama o nosso; mas na nossa medula nós a conhecemos e sentimos sua falta. Sabemos que ela nos pertence; bem como nós a ela.²⁷

Não obstante, outro exemplo de tirania em meados do século XX, após anos de silêncio, enclausuramento social, familiar, educacional e religioso, conhecidos como a época do medo e do racismo, dar-se o início a uma nova era para as mulheres, onde seu trabalho passa a ser recomendável, e sua sexualidade entendida de forma oposta aos outros séculos. Agora, nesse novo cenário, a mulher torna-se dessexualizada e muitas vezes colocada de forma neutra e ambígua diante da história.

Nessa fase, as lutas pelo seu reconhecimento são marcadas pelo direito ao voto, ao trabalho, à educação e ao ingresso nas universidades, principalmente o acesso alguns cursos considerados somente para homens, a exemplo do Curso Superior de Engenharia.

Almeida traduz de duas formas o ingresso das mulheres no metiê acadêmico e social do século XX: primeiro, por uma necessidade econômica, pois o trabalho das mulheres era menos valorizado. Segundo, outros setores da comunidade necessitavam de uma ampliação educacional e um aprimoramento da mão de obra, o que resultaria tanto no crescimento econômico quanto no próprio desenvolvimento do sistema capitalista.

²⁶ ESTES, 1999, p. 266.

²⁷ ESTES, 1999, p. 9.

Ainda assim, existiam aqueles que conceituavam o feminino como sinônimo de pecado e excitação, cujo paradigma era Eva e Pandora, a última, de beleza invejável, e que carregava uma caixa contendo todos os males, doenças e desgraças. Por outro lado, existiam aqueles que enxergavam a mulher como um ser destituído de desejo, figura da pureza, e de um ser angelical, ou, até mesmo, frígido, assim interpretado pelos religiosos, médicos e pedagogos.²⁸ Naquele período foi difundida uma onda de culto a Maria e às santas femininas, com a intenção de impor uma remodelagem ao sexo feminino.

Entretanto, para Almeida existe uma lacuna cognitiva para um entendimento entre o pensar o ser feminino e os conceitos referentes à sua pessoa durante séculos e milênios. Durante o século XX, as mulheres receberam não somente a educação do magistério em suas mãos, como um apelido que aproximava ela de seus alunos, o de “tia”. Se formos conjecturar entre o passado e o presente, nesse século houve um progresso grande para as mulheres. No entanto, duvidoso. Ao colocarem-se no mercado e no social elas deveriam abraçar a educação destituída do humano. O contexto em que elas se encontravam agora exigia um celibato perpétuo, resguardado ao modelo venerado da época.

Ivoni Richter Reimer fornece um histórico apurado quanto à visão de Maria nos Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), para essa postura adotada quanto à mulher. Mais precisamente no Evangelho de Lucas, que detalha a sua vida e a concepção de Jesus (Lucas 1 e 2). A conclusão dos estudos dos quatro Evangelhos resultou em mais descrição sobre Maria como exemplo de fé e mãe do que propriamente sobre sua virgindade e pureza, como assimilados na idade média. Tanto os Sinóticos como João, Maria é vista como uma mãe de família.²⁹

O Evangelho de Lucas é o único que enfatiza a virgindade de Maria na sua enunciação de forma tão explicativa, talvez pela origem do próprio Evangelho, escrito por um médico, em Éfeso, cidade politeísta e altamente adoradora de divindades femininas como Diana,³⁰ da Ásia Menor.

²⁸ ALMEIDA, 1990, p.76.

²⁹ REIMER, Ivoni Richter. *Maria sempre bendita*. Textos e imaginários de uma história que se faz, desfaz e refaz. p. 104-105.

³⁰ Diana, “na mitologia romana, Diana era uma deusa virgem. Era a divindade da Lua, da caça e protetora da natureza, dos animais, das mulheres e das meninas. Diana era filha de Júpiter (deus do

O arquétipo divino concedido a Maria desde o Século II, pela igreja romana, se estendeu até o Século XX, por meio das bulas papais. A virgindade de Maria (do grego Parthenos-virgem) possibilita pelo menos duas versões: a primeira suscita uma abordagem que desrespeitava a mulher comum casada de sua época, pois louvada era a mulher caracterizada de Maria (pura e santa), a esta eram dadas todas as honrarias e louvor. De outro lado, as demais eram consideradas pecadoras e sedutoras. O outro entendimento está na liberdade dos conceitos prescritos da época, onde a virgindade de Maria se encontrava além do caráter físico, mas sim na autonomia de ser uma detentora da liberdade suprimida na sua época. Nessa mesma perspectiva está o ministério de seu filho Jesus, independente dos homens.³¹

A questão da virgindade, fomentou uma percepção demasiado negativa de controle sobre assuntos da sexualidade feminina. Ou seja, a virgem se tornou mais independente e conhecedora de si, diferente do domínio e conhecimento repassado pelo poder patriarcal. Para os pais da igreja, entre eles, Agostinho, o sexo seria uma porta de entrada por onde passaria o pecado e seus agentes, prefigurando o feminino como “tentadoras”³². As mulheres normais, em comparação a Maria, se tornavam imundas, desprezíveis e, quanto as suas atividades sexuais, culpadas. Ademais, seus corpos eram privados de serem vistos pelo esposo, como indicação de serem anatomicamente sedutoras e, por isso, levianas. Nesse caso, a virgindade e o celibato eram indicadores de perspectiva emancipatória, concedendo, por este fato, liberdade para a mulher.

O avanço da Igreja Cristã rumo a Ásia Menor, Europa, África e, bem depois, ao Ocidente, construiu varias alianças com os deuses dessas localidades, fazendo com isso um trocadilho e misturas de deidades, dentre elas, Maria. Um exemplo disso está nas figuras das “Amazonas (Povo das Virgens)”, representadas por Artêmis de Éfeso, onde, possivelmente, o Evangelista e Historiador Lucas, escreveu o seu Evangelho. Essas figuras mitológicas teriam sido concebidas de um deus e, portanto, não precisavam de homens para representá-las. Outros nomes, desse tipo de deusas

dia) e Latona (deusa do anoitecer), na mitologia grega”. SUA PESQUISA. *Diana*. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/imperioromano/deusa_diana.htm>. Acesso em: 01 out 2018.

³¹ REIMER. p. 119.

³² REIMER. p.118,119.

conhecidas na mitologia eram: “Astarte, Hera, Vesta”.³³ Nos tempos modernos surgem, também, protótipos femininos que superam toda e qualquer necessidade de ajuda e imposição masculina, a exemplo da “Mulher Maravilha (Amazona), Gamora, Viúva Negra, etc”.

2.4 INTERPRETAÇÃO RELIGIOSA DE EFÉSIOS 5: 21-33

Segundo Guimarães,³⁴ o índice de violência contra o sexo feminino, ainda tem dados elevadíssimos, não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Há milênios as questões históricas e sociais arraigadas na tradição patriarcal e sexista têm trazido incompreensões profundas do papel feminino no social, familiar e religioso. Dados empíricos provam o quanto elas têm sofrido, não somente fisicamente, como psicologicamente, traduzindo-se em uma vergonhosa estatística social. O relatório abaixo demonstra o quanto a sociedade mundial, não somente a brasileira, deve expurgar esse mal por meio da identificação de sua origem, permitindo tamanha agressão contra sua espécie.

Segundo o relatório “A violência Doméstica contra as Mulheres e Crianças”, desenvolvido pelo Instituto Innocenti³⁵ a porcentagem de mulheres no mundo que sofreram algum tipo de maus-tratos familiar oscila entre 20% e 50%. De acordo com este relatório, em todo o mundo foi constatado que a violência doméstica contra as mulheres acontece tanto em países desenvolvidos como naqueles em vias de desenvolvimento. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, mais de 2 milhões de mulheres são espancadas por ano no Brasil, mas apenas 40% denunciam. O Relatório Nacional Brasileiro (2002),⁴ que retrata o perfil da mulher brasileira, traz o dado estatístico de que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no país, isto é, a cada dia, 5.760 mulheres são espancadas no Brasil. Ainda segundo a pesquisa da Fundação Perseu Abramo,⁵ desenvolvida em 2001, e que envolveu 2.502 entrevistas com mulheres acima de 15 anos, em 187 municípios das cinco regiões brasileiras, cerca de uma em cada cinco brasileiras (19%) declarou ter sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem; casos de violência física foram relatados por 16% delas; enquanto 2% das entrevistadas citaram alguma violência psíquica e 1% lembrou de algum episódio de assédio sexual.³⁶

Em seu trabalho, a autora demonstra que o mal está arraigado em todas as sociedades, culturas e religiões, acomodando, inclusive, o próprio agressor, e

³³ REIMER, p. 118.

³⁴ GUIMARÃES, Simone Furquim. *Efébios 5.21-33 como modelo de discurso de gênero*. São Leopoldo, RS, 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011. p 10-11.

³⁶ GUIMARÃES, 2011, p 10.

expondo suas vítimas durante milênios. Muitas das vezes, a falta de proteção está tanto no ensino oferecido aos homens quanto à sua influência, domínio e intelecto que, na grande maioria das vezes, se sobrepõem ao feminino, ou seja, cuida-se de uma questão de caráter eminentemente cultural. Nessa mesma vertente, temos a exposição da pretensa fraqueza moral, física e psicológica da mulher, cujo viés foi disseminado por séculos, menosprezando sua pessoa, identidade e humanidade.

Os estudos dessa acadêmica sugerem a busca por uma resposta ao por que da insistente permanência desse ciclo social, familiar e até mesmo religioso, que tanto camufla e disfarça esse histórico desrespeito, e essa contínua desvalorização do gênero feminino.

Um dos pontos de partida para a insofismável necessidade de uma resposta, está, exatamente, no discurso religioso cunhado de uma má interpretação da carta aos Efésios 5: 21-33. Essa compreensão obscura pode está dando sustentação a uma abordagem sexista, veiculando, com isso, uma posição teológica que apóia, ainda que indiretamente, a violência e o desprezo pelo sexo feminino.

21 [...] sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.
22 Esposas, cada uma de vós respeitai ao vosso marido, porquanto sois submissas ao Senhor; 23 porque o marido é a cabeça da esposa, assim como Cristo é a cabeça da Igreja, [...] que é o seu Corpo, do qual Ele é o Salvador. 24 Assim como a igreja está sujeita a Cristo, de igual modo as esposas estejam em tudo sujeitas a seus próprios maridos.³⁷

Entendemos que houve uma importação, para o ocidente, de uma tradição arraigada nas civilizações greco-romanas e, por conseguinte, amparada e protegida pelo judaísmo que tem uma forma tradicional patriarcal como espectro social, familiar e religioso. Lembrando que foi dessa fonte que nasceu o cristianismo. Nesse contexto, podemos perceber que, por tradição, isso foi transmitido de uma forma crescente na formação dos indivíduos, começando pela catequese e alfabetização católicas, principalmente no Brasil, Colônia de Portugal, por meio dos Jesuítas. Diante disso, o sociólogo Pierre Bourdieu, explica que o fenômeno desenvolvido até então se chama “violência simbólica”, como reconhecimento da repressão, seja social, econômica ou simbólica. A reprodução dessa violência está na difusão de crenças limitantes em sua socialização, determinando diretrizes e preceitos pré-estabelecidos, induzindo o outro a

³⁷ GUIMARÃES, 2011, p 11.

uma situação de descrédito. Tudo imposto pelo discurso dominante da época, inseridas nesse contexto a igreja e a monarquia, ambas carentes de discernimento em seu entendimento.³⁸

Assim sendo, nasce uma construção social injusta, medida pelo escalonamento de poderes, pela acepção de pessoas, escravidão e por fim, dominação sexual. O homem, no ápice da pirâmide, com seus símbolos de poder, força, domínio e, logo abaixo, seus “súditos”: crianças e mulheres. Essas últimas, consideradas, historicamente, como seres não pensantes, frágeis, pecadoras, detentoras da submissão “natural”. Nessa perspectiva, e de conformidade com essa cultura, as mesmas nasceram para serem subjugadas.³⁹

Na medida em que somos herdeiros dessa agregação de culturas Greco/Romana e Cristão-Judaica, temos, por herança, toda essa mistura de tradições e costumes, que nos chegou por meio de ensinamentos religiosos difusos e heterogêneos. O que poucos sabem, é que a cultura greco-romana está respaldada literalmente no domínio do gênero masculino. No que cabe à mulher ela estaria vinculada ao homem, nos atos da vida civil, a despeito de seu estado civil: solteira, casada ou viúva. Para a sociedade da época, ela sempre dependeria de um tutor. A respeito desse assunto, Coulanges escreveu:

O pai, além de ser o homem forte protegendo os seus e tendo também a autoridade para fazer-se por eles obedecer, também era o sacerdote, o herdeiro do lar, o continuador dos antepassados, o tronco dos descendentes, o depositário dos ritos misteriosos do culto e das fórmulas secretas da oração. Toda a religião reside no pai.⁴⁰

Pensadores como Aristóteles, os Estoicos, os Padres da Igreja, Filon de Alexandria e Flávio Josefo, que influenciaram no Século I, entendiam que a fêmea era inferior ao macho, e que este deveria sempre sujeitá-la.⁴¹ O filósofo Cícero advertiu, solenemente, a respeito do papel feminino, afirmando que se a mulher obtivesse liberdade sexual, aos poucos ela se apoderaria dos cargos de governo, e, em consequência, se instalaria o caos na sociedade.⁴²

³⁸ BOURDIEU, Pierre. 1989. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p. 12.

³⁹ GUIMARÃES, 2011, p. 12.

⁴⁰ COULANGES, Fustel de. 1998. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p. 16.

⁴¹ FOULKES, Irene, 2006. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p. 17.

⁴² REIMER, Ivone R, 2000. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p. 18.

É neste contexto que se encontra a população de Éfeso, descrito no Cânon Sagrado, onde Paulo, por dois anos consecutivos, atuou diretamente a fim de instruí-los nos ensinamentos cristãos (Atos 19). Essa cidade era a quinta mais populosa do Império Romano, e se destacava pelo direito, filosofia e religiosidade do povo. Sua divindade era conhecida como Diana dos Efésios, conhecida, também, como Ártemis. Naquela localidade, houve grande aceitação do cristianismo na era Paulina.⁴³

Era muito natural, na cultura greco-romana, que a casa estivesse bem administrada e bem organizada, pois ela acomodava os bens da família como, às vezes, sua subsistência. Na carta aos efésios, em sua estrutura, podemos perceber que existiam códigos que orientavam as famílias em seus contextos familiares e sociais, nos quais o homem tinha o papel de marido, pai e senhor, demonstrando uma postura verticalizada nas relações internas. No entanto, para as demais pessoas, os papéis se tornavam iguais. Nesses códigos também se encontram o papel de cada um: esposas (Ef 5.22-24.33); maridos (Ef 5.25 e 28); filhos (Ef 6.1-2); pais (Ef 6.3); escravos e senhores (Ef 6.5-9). Contudo, o maior enfoque da carta está no marido e na esposa.⁴⁴ Estes, particularmente, transcendem no ensinamento visto terminar (nos versículos 31-33), ao comparar o relacionamento do casal em relação ao de Cristo com a sua Igreja. Nisto Ströher informa que:

[...] na antropologia grega cabeça tem a precedência sobre os demais membros; ela representa o princípio de autoridade e a razão. Isso tem implicações para a formação das estruturas de liderança posteriores nas comunidades cristãs. Para o homem, como cabeça da família é que se destinam as funções de direção da comunidade. A organização da comunidade terá como fundamento o modelo de família patriarcal. Neste sentido, a mulher, tanto no espaço da casa como da comunidade, ocupará uma posição de submissão. Em contrapartida, o homem ocupará posição de direção, pois se é a cabeça da casa, dotado de razão e superioridade; na igreja ocupará também a função de direção, pois será representante de Cristo (cabeça da igreja).⁴⁵

Guimarães esforça-se por analisar algumas palavras que dão sentidos metafóricos, antropomórficos e de comparações, a fim de trazer uma compreensão deste legado masculino ao longo da história ocidental no que concerne a “tudo”.

⁴³ GUIMARÃES, 2011, p. 18.

⁴⁴ STRÖHER, Marga Janete, 2002. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p. 17.

⁴⁵ STRÖHER, 1998. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p. 24.

A expressão do versículo 21, do Capítulo 5, da Carta aos Efésios: “*subordinai vos uns aos outros*” (ὑποστασσομευοι ἀλληλοις), o sentido da frase indica uma referência de igualdade entre o gênero masculino e o feminino. Do verso 22 ao 24 encontramos um hábito para convencimento no que concerne ao cônjuge separadamente. Era de praxe esta metodologia para convencimento da classe dominante de sua época. Pra isto se usava de artifícios, para chegar ao seu fim (metáforas, comparações e analogias).

Este verbo, ὑποτάσσεται, que se repete nos três versículos (21, 22 e 24), é interpretado de forma abrangente, no âmbito físico, jurídico e moral. Nestes versículos, acomoda-se uma oratória no discurso moral para admoestar as mulheres na submissão aos seus companheiros, que seria o seu senhor. Diante disso, há uma semelhança do marido cabeça e a mulher como corpo submetido a ela. Portanto, a palavra grega para igreja está no feminino (ἐκκλησία) e Cristo no masculino.

Não obstante, sabemos que a sociedade da época era firmada no modelo piramidal, apontando para o topo onde o senhor (kyrios) se encontrava. “Esta forma kiriarcal era legitimada pela filosofia neo-aristotélica, que penetrou nas escrituras cristãs sob a forma de prescrições patriarcais que exigiam a submissão.”⁴⁶ De outro lado, a palavra κεφαλή (cabeça) firma-se como a nascente de onde brota a vida, fornecendo o desenvolvimento e a boa formação para todo o corpo.

15 Longe disso, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. 16 Dele todo corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função (Ef 4.13-16, KJA).

Nos versículos 22 e 24, a subordinação é repetida, mas com o suplemento “*em tudo*”, dando a entender essa receptividade da mulher enquanto dependência e obediência em relação ao esposo, o qual, nesse contexto, seria o único que tem algo para oferecer.

Nos versículos finais, 25-33, podemos observar um quadro que endossa o contexto esperado da época. O homem é exortado a amar sua esposa, numa perspectiva de que essa prerrogativa diz respeito, tão somente, ao marido, e que, da

⁴⁶ FIORENZA, 2009 *Apud* GUIMARÃES, 2011, p 24.

esposa, o que se espera é o temor e a reverência, infundindo, na mulher, uma impossível capacidade de propiciar o amor. Podemos entender, por Guimarães, que esse entendimento era bem conhecido na sociedade greco-romana da época, e que, paulatinamente, foram absorvidos pela igreja (séculos II e III), como forma de interagir politicamente com aquela sociedade. Talvez, para não serem taxados de rebeldes ou opositores dos padrões morais da época, já que, os cristãos eram conhecidos como um povo diferenciado e elogiado pela sua filosofia de vida.

Pela exposição dos Evangelhos (Século I), percebe-se que Jesus Cristo ansiava por mudanças sociais em todos os aspectos, inclusive em relação às mulheres. Entretanto, aos poucos a sua liderança, seu espaço e respeito eclesial foram dando lugar ao esquecimento por parte das lideranças reacionárias que se aboletavam nas Sinagogas. Porém, deve ser lembrado que nem sempre foi assim, conforme descrito em Romanos 16, Paulo elogia abertamente a liderança das mulheres na igreja da época.

Entretanto, se faz necessário, na atualidade, uma releitura dos textos bíblicos, no intuito de evidenciar as mulheres e seus atos, bem como, desconstruir essa leitura patriarcal destituída do reconhecimento da mulher. Leonardo Boff desfaz essas credences e analisa o contexto do que a Bíblia diz:

[...] em Gênesis 1.27, escrito pela tradição sacerdotal, por volta do século VI-V a.C., se afirma a igualdade dos sexos e a sua origem divina: “Deus criou a humanidade – *Adam*, em hebraico, significa os filhos e filhas da Terra, derivado de *adamah*, que quer dizer terra fértil – à sua imagem... criou-os homem e mulher”. Deus aqui afirma a igualdade fundamental dos sexos, porém a história nos afastou deste entendimento e, conseqüentemente, do entendimento do ser humano, homem e mulher.⁴⁷

Ao analisar os escritos Paulinos, na nova aliança, encontramos sua confirmação quanto à condição feminina perante o homem na criação: “Não há homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). Em continuação ratifica, em outra carta de sua autoria, I Coríntios 11.12: “Em Cristo não há mulher sem homem nem homem sem mulher; como é verdade que a mulher procede do homem, é também verdade que o homem procede da mulher e tudo vem de Deus”. Ao afirmar tamanha verdade podemos, então, mencionar algumas mulheres que

⁴⁷ BOFF, Leonardo, 2002. *Apud* GUIMARÃES, 2011, p 30.

foram politicamente ativas em Israel: Miriam, Ester, Judite (Bíblia Católica), Débora, Ana, a Sulamita, Sara e Rute etc. Apenas para citar algumas.

Portanto, vê-se a necessidade do empenho de teólogos (as), biblicistas, bem como, grupos feministas, a fim de se empenharem na interpretação dos textos sacros, na tentativa de desmistificar o enfoque da leitura puramente no homem (androcêntrico), desnudando um novo sentido àquilo que foi implantado no subconsciente das pessoas, e que criou uma cultura geradora da perspectiva social de permissão dos maus tratos, da rejeição e da submissão cega das mulheres ao gênero masculino. Ademais, estar submissa, no sentido bíblico, é se encontrar em um estado de igualdade, comungando dos mesmos objetivos, foco, missão, e ordenanças, o que é muito diferente de ser posicionada abaixo.

3 OS FATORES DE PROTEÇÃO ABORDADOS POR JESUS COM A MULHER SAMARITANA

Nesse tópico serão abordados, em primeiro lugar, o Método Histórico Crítico e Histórico Gramatical dos versículos chaves, referentes à perspectiva de mudança do itinerário traçado por Jesus, para percorrer a região da Judéia para a Galileia (Jo 4.3,4) a fim de passar em Samaria, na pequena vila de Sicar, junto ao poço de Jacó, a fim de interagir com uma mulher, faminta de justiça e de cuidados para sua alma. Analisaremos, pelo método crítico, a tradução textual do grego e a sua literalidade. Laboraremos, também, sobre a importância de se observar uma versão que não fuja das palavras traduzidas do grego. Dessa forma, por meio da Crítica Textual, pode-se perceber o valor desses dois versículos (Jo 4.3,4). Os manuscritos atestam a sua clareza e confiabilidade, ainda que contenham algumas variantes.

Outro ponto que será discutido, diz respeito aos conceitos instituídos por vários pesquisadores da área, concernentes à resiliência. Ou seja, os termos utilizados para explicar esse estoicismo capaz de produzir, na pessoa aflita, uma reação positiva que lhe concede estrutura emocional para superar conflitos e traumas. A manifestação dessa aptidão influenciará, positivamente, não apenas na pessoa resiliente, mas, haverá uma modelagem nos indivíduos através do seu progresso emocional. E essa evidência é reproduzida na mulher samaritana, quando se vê capaz de ir até sua comunidade e, com uma palavra segura e desprendida de preconceitos, impressionar os moradores da localidade com o seu testemunho, e os levar até a Presença D'Aquele que, com poucas palavras, lhe impulsionou a transformação de seu caráter. Diante disso podemos, por meio da evidência de superação operada na Samaritana, aprender e apreender os conceitos que emolduram essa ferramenta, e alcançar a sua importância como um meio de melhoramento do status social das comunidades.

3.1 UM ESTUDO PELO “MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO E GRAMATICAL” DE JOÃO 4.3,4

- ✓ Tradução: Do Grego para o Português Evangelho de João 4. 3,4:

✓ 3. ἀφῆκεν (Deixou) τὴν (a) Ἰουδαίαν (Judéia) καὶ (e) ἀπῆλθεν (partiu) πάλιν (novamente) εἰς (para) τὴν (a) Γαλιλαίαν (Galiléia). 4. ἔδει (Era Necessário) δὲ (e) αὐτὸν (Ele) διέρχεσθαι (passar) διὰ (através de) τῆς (a) Σαμαρείας (Samaria).⁴⁸

✓ Tradução livre: “Deixou a Judeia e partiu novamente para a Galileia. Era necessário e Ele passar através de a Samaria”.

✓ Comparações de versões:

Quadro 1: Comparação das versões

<p>“3 Deixou a Judeia, retirando-se outra vez para a Galileia. 4 E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria”⁴⁹ (ARA).</p>	<p>“3 Deixou a Judéia retornou a Galiléia. 4 era preciso passar pela Samaria”⁵⁰ (BJ).</p>	<p>“3 Quando Jesus ficou sabendo disso, saiu da Judeia e voltou para a Galileia. 4No caminho, ele tinha de passar pela região da Samaria”⁵¹ (NTLH).</p>
--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

É importante ressaltar que, diante dessas três traduções, a que mais se aproxima do texto original do grego é a versão ARA, apesar de as demais versões utilizadas não fugirem do sentido literal do texto. Não obstante, essa tradução se aproxima com mais precisão da versão original, principalmente, no primeiro versículo (3) estudado e o quarto (4), onde se lê: (v. 3) ἀφῆκεν (Deixou) τὴν (a) Ἰουδαίαν (Judéia)” (Grego) e “Deixou a Judeia (ARA)”. Como também no versículo quatro (v. 4) “ἔδει (Era Necessário)” (Grego) e “Era-lhe necessário” (ARA). As outras versões: de Jerusalém e a Nova Tradução Linguagem de Hoje, apesar de não divergir no sentido, não utilizam as palavras literais do texto grego.

✓ Segundo a Crítica Textual: O texto no grego do Evangelho de João 4:3,4 se encontra bem preservado, segundo apresenta a 28 Edição de Nestle-Aland.

✓ Vejamos no quadro abaixo:

⁴⁸ NOVO Testamento Interlinear, Grego e Português. Evangelho de João 4.3,4. Sociedade Bíblica do Brasil. Tamboré, São Paulo. 2004.

⁴⁹ BÍBLIA de Estudo Almeida Revista e Atualizada. Evangelho de João 4.3,4. Edição SBB Sociedade Bíblica do Brasil. 2013.

⁵⁰ BÍBLIA de Jerusalém. Evangelho de João 4.3,4. Nova Versão Revista e Ampliada. Editora Paulus. 1998.

⁵¹ BÍBLIA Nova Tradução Linguagem de Hoje (NTLH). Evangelho de João 4.3,4. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/211/JHN.4.NTLH>>. Acesso em: 09 de Jan. 2018.

Quadro 2: João 4.3-4

31 \square \mathfrak{P}^{75} \aleph^* D f^1 565 it sy^c sa; Hipp Or^{pt} Eus | txt $\mathfrak{P}^{36vid.66}$ \aleph^2 A B K L W^s Γ Δ Θ Ψ 083. 086 f^{13} 33. 579. 700. 892. 1241. 1424 \aleph lat $sy^{s.p.h}$ bo; Or^{pt} • 32 \top $\kappa\alpha\iota$ A K Γ Δ Θ f^{13} 700. 892. 1241. 1424 \aleph lat $sy^{s.p.h}$ | txt $\mathfrak{P}^{66.75}$ \aleph B D L W^s Ψ 083. 086 f^1 33. 565. 579 it sy^c | \circ \aleph D f^1 565. 1424 it $sy^{s.c.p}$; Hipp | txt $\mathfrak{P}^{36.66.75}$ A B K L W^s Γ Δ Θ Ψ 083. 086 f^{13} 33. 579. 700. 892. 1241 \aleph lat sy^h • 33 \top οὗτος \mathfrak{P}^{66c} • 34 ρ ο θεος το πνευμα A C² D K Γ Δ Θ Ψ 086 f^{13} 700. 892. 1424 \aleph lat $sy^{p.h}$ co | - B* | txt $\mathfrak{P}^{66.75}$ \aleph B² C* L W^s 083 f^1 33. 565. 579. 1241 b e f l; Or • 36 \circ \aleph^* a e ff² l
¶ 4,1 Γ κυριος $\mathfrak{P}^{66c.75}$ A B C K L W^s Γ Δ Ψ 083 f^{13} 33. 579. 700. 892. 1424 \aleph f q $sy^{s.hmg}$ sa bo^{ms} | txt \mathfrak{P}^{66*} \aleph D Θ 086 f^1 565. 1241 lat $sy^{c.p.h}$ bo; Epiph | \circ A B* L W^s Γ Ψ 579. 892. 1424* • 3 \top $\gamma\eta\nu$ D Θ $f^{1.13}$ 565 it vg^{mss} ; Epiph | \circ A B* K Γ Δ Ψ 579. 700. 1424 \aleph q sy^h bo^{mss} | txt $\mathfrak{P}^{66.75}$ \aleph B² C D L W^s Θ 083. 086 $f^{1.13}$ 33. 565. 892. 1241 lat $sy^{s.c.p}$ sa bo; Epiph • 5 ρ ερχεται \mathfrak{P}^{75*} | - \aleph^* | Γ $\Sigma\iota\chi\alpha\rho$ 69 $vg^{cl.wv}$ bo^{ms} | $\Sigma\upsilon\chi\epsilon\mu$ $sy^{s.c}$ | ρ ου \mathfrak{P}^{66} C* D L N W^s Θ 086 f^1 33. 565. 700. 1241. 1844. 12211 pm | txt \mathfrak{P}^{75} \aleph A B C² K Γ Δ Ψ 083 f^{13} 579. 892. 1424 pm | \circ A C D K L N W^s Γ Δ Θ Ψ 086 $f^{1.13}$ 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. 1844. 12211 \aleph | txt $\mathfrak{P}^{66.75}$ \aleph B

Fonte: BIBLIA. Novo Testamento. Grego. Nestle-Aland. 2012.; NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. INSTITUT FÜR NEUTESTAMENTLICHE TEXTFORSCHUNG. *Novum Testamentum Graece*. 28. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013. p. 301.

✓ Variantes que contém inserção: Segundo uma análise de João 4.3, as variantes do texto contêm inserção da palavra ghn. Essas variantes textuais são atestadas nos manuscritos Unciais (D) (Q) nos manuscritos Minúsculos f1 Século XII, f13 Século XIII, Manuscrito 565 Século IX, na Versão Ítala e muitos Manuscritos da Vulgata, e Epifânio pai da igreja.

✓ São favoráveis a opção textual de Nestle Aland: Os manuscritos Maiúsculos: A (Códex Alexandrinus, V Século) B (Códex Vaticanus IV Século), K (Codéx Ciprius IX Século), G (Codéx Regius X Século), D (Codéx Sangallensis, IX Século), Y (Codéx Athous Lavrensis Séculos VIII e IX), 579. 700. Manuscritos minúsculos, 1424 Indicam o texto original do manuscrito. Texto Majoritário, apoiado pelos manuscritos que pertencem ao tipo de texto Koiné ou Bizantino, Versão Siríaca Heracleana (texto revisado por Tomás de Heracléia- Sy^h , Versão Cópta Boárica bo^{mss} ou vários manuscritos.⁵²

✓ Delimitação da Perícope: O propósito é apresentar o começo do texto escolhido e o seu fim. Pois os textos em grego eram escritos continuamente sem separação de capítulos, versículos e sem os temas de apresentação do assunto. A

⁵² WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia. São Leopoldo: Sinodal . 7a edição. 2012.

delimitação termina por implicar numa interpretação de quem faz. O temo delimitar no grego é “*cortar ao redor*”.

Segundo alguns autores, como Brown ⁵³, o texto escolhido começa em João 4.1 e termina em João 4.54, sendo subdividido em unidades de entendimentos. Exemplo:

✓ Os versículos 1-3 – Oferecem uma transição geográfica de Jesus saindo da Judéia e indo à Galileia. Os versículos 4-42 – Jesus para na Região de Samaria junto ao poço de Siquém/Sicar. É nesse contexto que ocorre o diálogo de Jesus com a mulher Samaritana. Os versículos 43- 54 - Concluem a subdivisão com um milagre: a cura do filho de um oficial do rei em Caná da Galileia, aonde Ele, Jesus, principiou a manifestação de seus milagres.

Segundo Nestle-Aland, o texto se subdivide em 8 unidades⁵⁴ contendo, também, algumas subdivisões. Os temas foram colocados para um melhor entendimento. Exemplo:

✓ Os versículos 1-3 – Jesus sai da Judeia e entra em Samaria. Versículos 4 -26 – Diálogo de Jesus com a Samaritana (Com cinco subdivisões): Versículos 7-10: Jesus a água da vida. Versículos 27-30 – Os discípulos admirados. Versículos 31-38 – Fazendo a vontade do Pai e o tempo de Colher. Versículos 39- 42- Os Samaritanos creem em Jesus. Versículos 43-45- Jesus parte para a Galileia.

Portanto, a Perícope escolhida está entre duas unidades, no Evangelho de João: 4:1-3 à 4-45. Apesar da Perícope (3 e 4) não ser uma unidade comum definida por alguns autores, como Brown e Aland, no entanto, foi selecionada para o estudo devido tratar especialmente da saída de Jesus de uma região na Judéia para outra região onde residia (Galileia). E é neste contexto que Jesus decide entrar em Samaria, mais precisamente na região de Sicar ou Siquém: “ἔδει (Era Necessário) δὲ (e) αὐτὸν (Ele) διέρχασθαι (passar) διὰ (atrvés de) τῆς (a) Σαμαρείας (Samaria)”.⁵⁵ Por esse “percurso” nos chamar a atenção à Perícope evidenciada, ela será analisada, ressaltando a saída de Jesus de uma região e sua necessidade de entrar em Samaria,

⁵³ BROWN. Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução, Paulo F. Valério. 2a Edição. Editora Paulinas. 2012. p 470- 471.

⁵⁴ BIBLIA. Novo Testamento. Grego. Aland. 1994.; SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. Novo Testamento Interlinear Grego-Português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. P. 301-306.

⁵⁵ BIBLIA. 2004, p. 301-306.

demonstrando, assim, que o seu roteiro desviado do destino não foi um acidente, mas algo bem definido e com um propósito maior, socorrer uma mulher e fazê-la compreender a sua real importância, a fim de dar-lhe suportes emocionais e restituir sua identidade roubada.

3.2 ORIGENS DO TERMO RESILIÊNCIA E SEUS CONCEITOS

A origem para o termo Resiliência teve seus primeiros ensaios há, pelo menos, três décadas. Seu primeiro experimento se deu na Inglaterra por Michael Rutter (Conhecido como primeiro professor de psiquiatria infantil no Reino Unido, descrito como o "pai da psicologia infantil"). Seguidamente houve experiências nos Estados Unidos por Emmy Werner (Psicóloga americana do desenvolvimento, atualmente professora emérita no Departamento de Desenvolvimento Humano e Comunitário da Universidade da Califórnia em Davis). Posteriormente migrou para os Países Baixos, entre eles: França, Alemanha e Espanha. Cada um com uma visão diferenciada para pesquisa. Werner (EUA) pesquisou sobre o comportamento de uma forma pragmática e individual. Na Europa assumiu uma forma psicanalítica e ética. Quando chegou à América Latina, o contexto muda de figura assumindo uma postura a nível comunitário, enfatizando as situações sociais vividas.

Segundo Rocca,⁵⁶ o termo “resiliência” foi tomado por empréstimo da Física, na qual o objeto é posto sobre pressão ou choque, vindo a deformar-se, mas, em seguida, recobra a sua antiga forma.

Também podemos ver a etimologia dessa palavra: “do *Latim RESILIRE, ricochetear, pular de volta, de RÉ, para trás, mais SALIRE, pular. No Grego era KOUPHÓS, em relação à luz que reflete, ou HYGRÓS no sentido de aquilo que se dobra*⁵⁷”.

⁵⁶ HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana Maria (Org.). *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007. p. 10.

⁵⁷ ORIGEM DA PALAVRA. *Resiliência*. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/resiliencia/>>. Acesso em: 26 de Jan. 2017.

Para a psicologia, este termo é definido como “*ir para frente, depois de sofrer um trauma ou um estresse, é vencer as provas e as crises da vida, é resistir primeiro depois superá-las, [...] se sobrepor, [...] se (re) constitui*”.⁵⁸

Quanto a Hoch, resiliência é “*uma reserva, uma força extra, quase secreta*”⁵⁹ depositada por Deus em cada ser, para que possamos superar os momentos de crise.

Os autores Rocca e Hoch abordam, principalmente, as questões pertinentes à fé em Deus, e a importância do Cristianismo frente aos problemas enfrentados nos países Latino Americano como “*a pobreza, exclusão social, violência e injustiça*”.⁶⁰ Nessa perspectiva, a questão abordada é como a fé cristã pode suscitar resiliência, corroborando com um retorno eficiente do crente, frente aos problemas dessa ordem.

O propósito não é ignorar os processos da psicanálise e psicologia dentro dos contextos sociais vividos, mas, no ambiente da fé e do próprio cristianismo, os “*fatores de proteção*”, bem como, os “*pilares da resiliência*”.⁶¹

Ainda, nesse viés, o raciocínio do médico e psicanalista Aldo Melillo⁶² leciona que o aprendizado perante uma fatalidade seria “*sair mais fortalecido da situação*”.⁶³ Em outros estudos Rocca apresenta que o foco de uma pessoa que passou por um trauma deve estar sempre na esperança, e na resignificação do abalo vivido, pois, a esperança traça uma nova perspectiva de vida, deixando a pessoa mais forte e experiente.

Nan Henderson e Mike Milstein, divergindo do modelo da resiliência, objetam duramente as convicções de que os cenários que geraram traumas, situações de risco e de dor em um indivíduo, possam surtir um efeito de superação. Para eles, os agravos experimentados as levarão, naturalmente, ao insucesso e a uma vida recheada de

⁵⁸ HOCH; ROCCA, 2007, p. 10.

⁵⁹ HOCH; ROCCA, 2007, Orelha.

⁶⁰ HOCH; ROCCA, 2007, p 6.

⁶¹ HOCH; ROCCA, 2007, p.6.

⁶² MELILLO. Aldo. Psicanalista; Membro titular da Sociedade Argentina de Psicanálise; Membro honorário da Escola Argentina de Psicoterapia e seu Conselho Acadêmico do Mestrado em Psicanálise; Membro do Centro Internacional de Investigação e Estudos de Resiliência (UNLa); Compilador e coautor do livro *Resiliência – Descobrir um pontos fortes “s”*, Polity Press, 2001, B. Aires e “*Resiliência e Subjetividade – Ciclos da Vida*” Press, 2004, B. Aires. [...] Ex-Secretário de Saúde e Meio Ambiente da Cidade de Buenos Aires. Disponível em: <http://web.sapsicoanalysis.org.ar/index.php?option=com_content&view=article&id=173%3Aadr-melillo-aldo&catid=45&Itemid=224>. Acesso em 09 de Mar. 2017.

⁶³ MELILLO, Aldo. Apud HOCH; ROCCA, 2007, p. 10.

“psicopatologias, fracassos, pobreza, abusos”,⁶⁴ se tornando uma réplica do meio em que vive.

Apesar desse termo – resiliência -, na perspectiva do Desenvolvimento Humano, Psicologia, etc. Ser definido há pouco tempo, a busca pela superação perante os obstáculos já era bem conhecida desde os primórdios do homem. John Bowby foi o primeiro a definir esta palavra “resiliência” como: “recurso moral, qualidade de uma pessoa que não desanima que não deixa se abater”.⁶⁵

Já o professor Grunspun define resiliência como uma inteligência que torna o ser humano “*imune psicologicamente*”.⁶⁶ Isto perante a violência e estresses advindos por tragédias de caráter natural. O Master Coach Marcio Michele⁶⁷, por meio dos estudos da Neurociência e da inteligência emocional chama isto de “blindar a mente” contra os malefícios que uma situação ou pessoa possam causar a outro ou a si mesmo.

A verdade é que hoje este tema desborda para além do pensamento “das capacidades da pessoa”.⁶⁸ especialmente para o CIER,⁶⁹ no que tange a projetos sociais, como a capacidade de uma comunidade, povo ou nação de vencer seus infortúnios, aspectos esses, vivenciados com frequência na América Latina.

Outro ponto importante para Rocca, é que todos os seres humanos têm um pouco de dessa virtude em suas vidas, não implicando considerar que são ilimitados, mas, que devem ser trabalhados, tanto internamente, quanto externamente. Internamente, se deixando avaliar e ser ouvido para perceber que outros problemas vivenciados devem ser observados, para criar um espírito de superação, e não, criadores de gatilhos.⁷⁰ Já no externo, seria por meio “do ambiente familiar, social,

⁶⁴ HENDERSON, Nan e MILSTEIN, Mike. 2003. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p 11.

⁶⁵ BOWBY, John.1992. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 11.

⁶⁶ GRUNSPUN, 2005. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 11.

⁶⁷ MICHELE. Marcio. Master Coach Especialista em Inteligência Emocional e Comportamento Humano, Palestrante e Conferencista. Certificado pela Sociedade Brasileira de Coaching em Personal e Professional Coaching, e em Executivo Coaching e pelo Instituto Brasileiro de Coaching em Neuro Coaching. Fundador da empresa EVO Coaching, onde foram treinadas mais de 5.100 pessoas em seus treinamentos de Inteligência Emocional, Life Coaching, Coaching para Mulheres, Coaching para Homens, Vocacional e Concursos. Disponível em, <<https://evocoaching.com.br/site/blindar-a-mente/>>. Acesso em: 13 nov 2017.

⁶⁸ HOCH; ROCCA, 2007, p. 11.

⁶⁹ Centro de Información y Estudios de Resiliencia, que funciona na Universidade de Lanús, Buenos Aires, Argentina. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p 11.

⁷⁰ HOCH; ROCCA, 2007, p 13.

trabalho [...] assim como projetos comunitários e eclesiais⁷¹". Todos estes aspectos são de extrema importância quando o assunto é ajudar o próximo a superar seus conflitos. Cyrunlik, certa feita, expressou: "[...] a resiliência é em parte inata, mas também pode ser adquirida, 'se tece', ao longo da vida".⁷²

Apesar de ser uma motivação poderosa para superação, a resiliência não é uma fonte inesgotável, ela pode dar respostas para algumas questões e para outras não. Segundo o psicanalista Claude de Tyche, citando Bourguignon, se referindo a ataques fortes e destrutivos: "não há imunidade ao estresse, mas diferentes modelos de resposta [...], mas, mesmo reagindo, há um preço".⁷³

Para Pinheiro,⁷⁴ o termo veio ser utilizado a partir de 1966, relatando "as forças psicológicas e biológicas exigidas para atravessar com sucesso as mudanças".⁷⁵ Diante deste conceito, o termo resiliência passou a ser aprofundado na área da psicologia há pelo menos cinco anos, trazendo entendimento quanto à faculdade de superação perante as dificuldades traumáticas, mesmo ocorrendo mudanças, devido o abalo sofrido.⁷⁶

Para a psicóloga Horpaczky, o conceito se define como a capacidade do indivíduo de superar seus traumas e sair transformado, objetivando o crescimento com a experiência adquirida. O que difere das ciências exatas, onde o objeto não sofre alterações, mas retorna ao estado anterior.⁷⁷

Para Flach "[...] o indivíduo resiliente é aquele que tem habilidade para reconhecer a dor, perceber seu sentido e tolerá-la até resolver os conflitos de forma construtiva".⁷⁸ Para Tavares o termo se insere sob três óticas: a física, a médica e a psicológica. A primeira retrata sobre a física dos materiais quando o objeto é colocado à prova de choque e se recompõe regressando ao seu estado original. A segunda

⁷¹ HOCH; ROCCA, 2007, p. 12.

⁷² CYRUNLIK. 1999. *Apud* ROCCA, 2007, p. 12.

⁷³ BOURGUIGNON. *Apud* ROCCA, 2007, p. 13.

⁷⁴ PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. Psicóloga Clínica. Mestre em Psicologia da Infância e Adolescência pela UFPR. Psicóloga do Hospital de Clínicas de Curitiba e Docente do Curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt;> Acesso em: 22 fev. 2017.

⁷⁵ PINHEIRO. 2003. *Apud* BONAZZI. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 92.

⁷⁶ BONAZZI. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 93.

⁷⁷ HOPACZKY (2006). *Apud* BONAZZI. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 93.

⁷⁸ FLACH. 1991. *Apud* PINHEIRO. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt;>. Acesso em: 22 fev. 2017.

apresenta um paciente diagnosticado com um mal que supera por meio próprio ou com ajuda médica, podendo ao final, sair mais forte e resiliente da pressão sofrida em seu organismo. A terceira cuida de pessoas, “individualmente ou em grupo, que resistem a situações adversas sem perder o seu equilíbrio inicial”⁷⁹

Para Tavares, o poder dessas pessoas de se remodelarem, encontra-se na aptidão delas de modelar a sua autoestima e autorregulação, pois, sua qualificação para ser resiliente está diretamente ligada “ao ser, estar, ter, poder e querer”.⁸⁰

Ralha - Simões (2001) discute o conceito de resiliência destacando que não se trata de uma espécie de escudo protetor que alguns indivíduos teriam, mas a possibilidade de flexibilidade interna que lhes tornaria possível interagir com êxito, modificando-se de uma forma adaptativa em face dos confrontos adversos com o meio exterior. Assim, resiliência não seria uma forma de defesa rígida, ou mesmo de contrapressão à situação, mas uma forma de manejo das circunstâncias adversas, externas e internas, sempre presentes ao longo de todo o desenvolvimento humano. “O indivíduo resiliente parece de facto salientar-se por uma estrutura de personalidade precoce e adequadamente diferenciada, a par com uma acrescida abertura a novas experiências, novos valores e a fatores de transformação dessa mesma estrutura, que apesar de ser bem estabelecida, é flexível e não apresenta resistência à mudança”.⁸¹

Em contra partida das demais teorias, Trombeta e Guzzo insistem em dizer que a resiliência é uma descarga necessária para a saúde mental do indivíduo. Isso se dá na concepção da “Teoria do Apego” de Bowlby, que apresenta, como surgimento da resiliência, a experiência positiva da criança com a mãe, podendo ser também uma pessoa próxima que a crie ou aquela que dá o apoio principal. Aquela pessoa torna-se o suporte essencial para seu equilíbrio emocional perante as adversidades da vida.⁸²

⁷⁹ TAVARES. 2001. *Apud* PINHEIRO. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 fev. 2017.

⁸⁰ TAVARES. 2001. *Apud* PINHEIRO. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 fev. 2017.

⁸¹ SIMÕES, Ralha. 2001. *Apud* PINHEIRO. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 fev. 2017.

⁸² TROMBETA e GUZZO. 2002. *Apud* PINHEIRO. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 fev. 2017.

3.3 FATORES DE PROTEÇÃO INTERNOS E EXTERNOS DA RESILIÊNCIA

Diante disso, para ratificar a resiliência, deve-se descobrir onde estão os fatores de proteção internos e externos, aqueles que estão dentro do ser: capacidades intrínsecas; como aqueles que estão à sua volta: família, igreja, escola, amigos, vizinhos, psicólogos, etc... Esses fatores conduzirão o indivíduo para campos mais estáveis, auxiliando nos momentos difíceis, e estimulando-o a agir com perseverança e coragem.

Estes fatores podem ser reconhecidos como empoderamento (empowerment). Isto implica na percepção de fatores que possam ajudar a pessoa na descoberta de seus pontos, fortes ou fracos, bem como, na potencialização de recursos para o seu fortalecimento psicoemocional.

No Evangelho de João, Capítulo 4, observa-se a figura de uma mulher, sozinha, ao meio dia, indo buscar água em um poço familiar ou comunitário daquela região desacolhedora. Seu figurino a identificava como samaritana, e o Rabi da Galileia, se vestia com a indumentária própria de Judeu, circunstâncias essas que os distinguiam categoricamente. As vestes do Mestre identificavam o grau de conhecimento que Ele tinha da Torá, dos Profetas, das tradições e da cultura de seu povo.

Naquele exato momento (hora nona ou meio dia), quando ela saía costumeiramente para ir ao poço, suspeita-se que havia algo de errado na postura daquela mulher, pois, o horário denunciava uma perspectiva de solidão, e de exclusão social. Percebe-se, a mais não poder, que se tratava de uma pessoa solitária e destituída de envolvimento social, ao menos naquele momento, e que, no mínimo, dialogava consigo mesma (sua consciência).

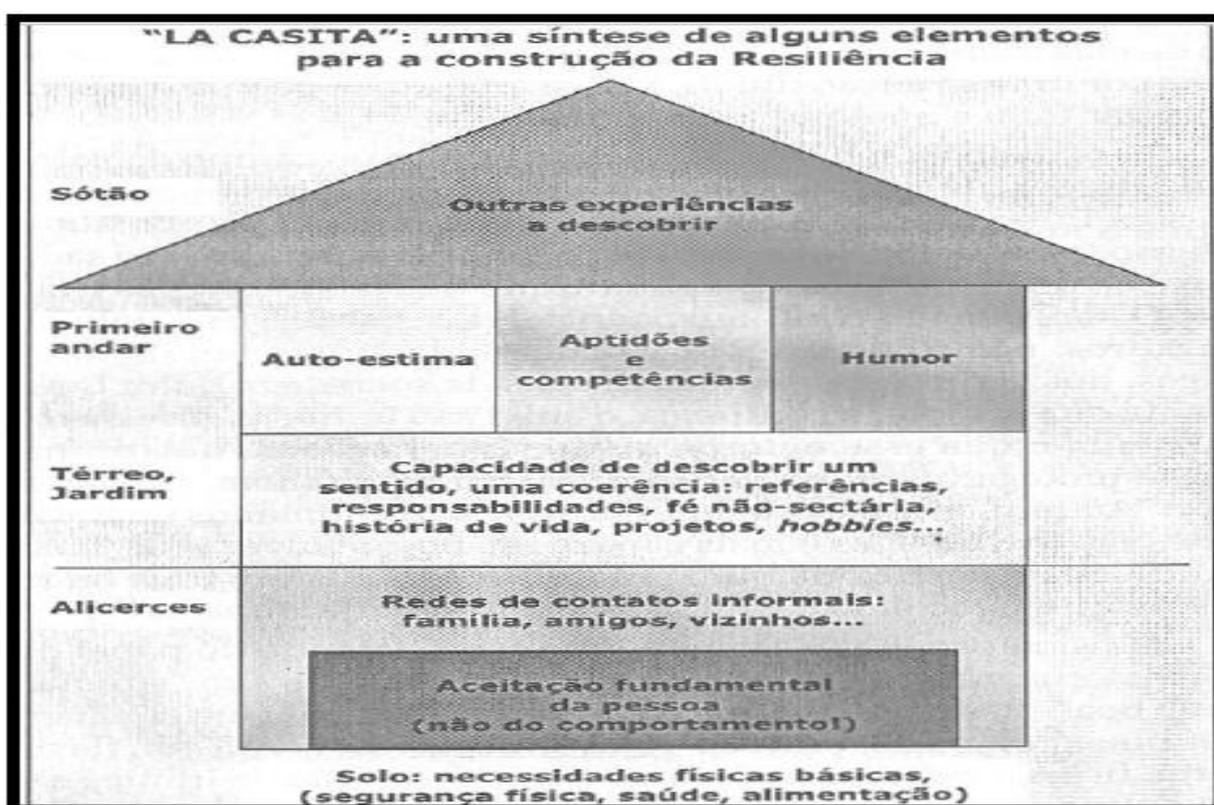
Entendemos, que a resiliência é um produto final do processo, caracterizado como uma proteção que não solucionará o problema, mas, capacitará a pessoa a ressignificar aquela experiência, tirar proveito da situação, e sair mais fortalecida, muitas vezes, encontrando um caminho sem o qual poderia ser o seu “fim”.

Os fatores de proteção têm pelo menos quatro utilidades: reduzir o impacto dos riscos experimentados [...], reduzir as reações negativas em cadeia [...], estabelecer e manter a autoestima e a auto eficácia pelo estabelecimento de

relações de apego seguras [...], criar oportunidade para reverter os efeitos de estresse⁸³.

O sociólogo e demógrafo, Stefan Vanistendael, fez uma pesquisa em quinze países, por intermédio da qual propôs demonstrar a resiliência usando a figura de uma casinha. Ele expressou uma forma de se forjar um caráter resiliente nas crianças, por meio de fatores de proteção no seio da família. Sua sugestão é que cada ambiente da casa possa representar um domínio para ser fortalecido, construído ou reconstruído, e isso dependerá de cada um. É nesse ambiente, segundo ele, que se descobrem as fragilidades e os destroços resultantes dos traumas.

Quadro 3: La Casita



Fonte: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana Maria (Org.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007. p. 15.

É de se esperar que a maioria das crianças tenha um teto para morar, alguém que cuide, alimente, e dê-lhe carinho. No entanto, sabemos que essa realidade está longe de se concretizar e, menos ainda, na situação da mulher samaritana em seu contexto sociocultural. Ela vivia, por ser mulher, em um sistema de exclusão social, familiar e cultural, como também era natural de uma região considerada maldita pelos

⁸³ RUTTER, 1987. In: ASSIS, 2006. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 14.

seus irmãos judeus. Uma disputa de séculos se perpetuava até aquele momento. Sua crença no mesmo Deus, e a proibição de adorá-lo no mesmo templo, retirou-lhe o direito de ir a Jerusalém buscar a palavra e o consolo. Sua adoração estava restrita ao templo construído em Samaria.

Segundo Freire,⁸⁴ algumas barreiras eram intensas entre os judeus e os samaritanos na época de Jesus. Elas faziam com que as mulheres fossem desqualificadas para a atenção de um mestre ou qualquer outro homem, visto que eram proibidas de falar com eles, a fim de não lhes impor desonra.

Podemos destacar pontos importantes para essa divergência histórica, entre Judeus e Samaritanos:

O lugar da adoração era diferente para os samaritanos; a miscigenação de colonos mesopotâmicos com samaritanos trazidos pelos Assírios para habitar em Samaria, após queda do Reino do Norte (722 aC); quando Judá também vai para o exílio com a Babilônia (em 586 aC) e após seu retorno (em 539), na primeira leva com Zorobabel e Neemias, nesta fase os judeus tentam reconstruir as muralhas e o templo, e os samaritanos tentam ajudar mas foram impedidos sob o pretexto de impureza entre eles, não tendo parte mais com a descendência pura dos judeus de onde proferia o Messias, por este motivo os samaritanos construíram seu próprio templo no monte Gerisim; [...] Este conflito somente aumentou em 6 e 7 dC. Pois os Samaritanos, na Páscoa, invadiram a Praça do Templo em Jerusalém, à noite, e espalharam ossos humanos, contaminando o lugar, ensejando que seu ódio era irreconciliável.⁸⁵

A “ênfase na necessidade do outro”, predita por Aldo Melillo,⁸⁶ (pelo meio protetor) está na pessoa que sofre a carência de um referencial. Ela necessita de alguém que a enxergue, que não ignore sua dor e que lhe aceite, incondicionalmente, como pessoa. Aqui, não é o comportamento da pessoa a ser aceito, mais o ser que necessita de apoio para não desmoronar por completo. Isso, ao fim e ao cabo, traduz-se numa superação. Bowlby, disse:

Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existe uma, ou mais pessoas, que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades.⁸⁷

⁸⁴ FREIRE, Maria Gerliane A. da S. *Aprovadas no Fogo*. Goiânia. Editora Visão. 2016. p 21.

⁸⁵ CARVALHO, Tiago Samuel. *A Parábola do Bom Samaritano*. São Paulo. Arte editorial. 2014. p.160-161.

⁸⁶ MELILLO. 2004 *Apud* R HOCH; ROCCA, 2007, p. 16.

⁸⁷ BOWLBY. 2001 *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p.16.

A questão de ter um rosto afetivo como o da mãe, do pai, o olhar amigo de um irmão consanguíneo ou não, a segurança de um companheiro ou companheira, cônjuge ou namorada, por perto, influenciará também no processo de resiliência. O saber que uma pessoa se importa, pode ser uma questão de sobrevivência nos dias obscuros. Donald Winnicott (psicólogo), disse que a figura da mãe não precisa ser presente em 100% dos dias, ou seja, a todo instante, mas sim de uma maneira satisfatória.⁸⁸

Sob essa ótica podemos entender que, no contexto da mulher samaritana, ela não teria um final feliz se dependesse, tão somente, de seus familiares, ex-esposos, amantes, e sociedade local. A prefigurada insignificância fazia com que sua pessoa não valesse mais do que a dos “escravos”. Por óbvio que essa leitura é feita na perspectiva histórico/geográfica, em razão do status imposto pelos seus senhores, já que eram vassallos e, portanto, sem direito a nada. Sua vida estava resumida há quatro paredes.⁸⁹

No caso da samaritana, a importância do cuidado resgatador do Mestre da Galileia, abriu janelas jamais vislumbradas por sua precária “humanidade”, caracterizada pelo gênero feminino. O Seu olhar e diálogo fortaleceram as entranhas daquela mulher, e deram-lhe as respostas corretas para os dilemas vivenciados por ela, até aquela oportunidade.

3.4 TUTORES DA RESILIÊNCIA

No sistema que envolve o processo de ajuda e de proteção, deve ser despertado, no mínimo, o cuidado, a empatia, a solidariedade, a confiança e, por fim, o rapport (francês *rapporter* que significa "trazer de volta"). Assim, a criança, o adulto ou o idoso, saberão que não estarão sozinhos quando a adversidade chegar. Cyrulik, bem como, outros autores, chama de “tutores da resiliência e do desenvolvimento”,⁹⁰ cuja figura foge do paternalismo, no qual, o sentimentalismo se encontra arraigado, vez que a tutoria está amparada no cuidado irrestrito, cuja ênfase se encontra focada no aflito, objetivando o crescimento e a superação do indivíduo tutelado. O guardião consegue ver o que o que o pupilo não percebe, ou não identifica. Ele enxerga uma

⁸⁸ WINNICOTT, Donald *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 16.

⁸⁹ FREIRE, 2016, p. 20.

⁹⁰ CYRULIK. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 17.

saída que, quase sempre, está encoberta aos olhos de quem sofre o conflito. O alvo desse guardião é motivar o crescimento do indivíduo até ele sair do abismo e conseguir andar sozinho.

Jesus se tornou esse guardião conselheiro e guia responsável pela mulher samaritana. A preocupação D'Ele superou todas as suas carências, pois, além de ser o Pastor das ovelhas feridas e perdidas (Zc 11; Jo 10), também é Amigo e Conselheiro (Jo 17). O amor e sensibilidade do "Filho do Homem" ultrapassam qualquer ânimo puramente humano, inclusive dos pais. Isaías 49.15, o profeta messiânico nos diz: "Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? Contudo, ainda que ela se esquecesse, Eu jamais me esquecerei de ti!" (Is. 49.15).

Jesus, após sair de uma esfera puramente especulativa a respeito de suas capacidades, instigada pelos Judeus, resolve ir para Galileia. No trajeto, delibera cortar o caminho para passar por Samaria, e anuncia a sua necessidade urgente de passar, primeiramente, por aquela região. Os discípulos, devido ao horário do almoço, talvez, tenham acudido: mas... logo Samaria? E, como quem aguarda algo com um propósito, Ele fica à beira de um poço histórico esperando sua ovelha machucada e traumatizada, oportunidade em que os discípulos se afastam à procura de alimento.

[...] embora Jesus mesmo não batizasse, mas, sim, os seus discípulos, deixou a Judeia e partiu uma vez mais para a Galileia. Entretanto, era-lhe necessário atravessar por Samaria. (Jo 4.2,3).

Na atualidade, uma fonte de proteção importantíssima está no acolhimento pastoral congregacional. Nesse ambiente, a pessoa encontra conselho, proteção, fé, esperança, principalmente no que diz respeito ao aprendizado bíblico. Nas Escrituras Sagradas, identificamos muitos homens e mulheres que foram assistidos em várias crises, entretanto, por estarem firmados e amparados por Um Deus que tudo vê, foram resilientes e conseguiram superar os seus dilemas.

Podemos citar alguns exemplos excepcionais de superação, descritos no Cânon Sagrado, que se assemelham ao da mulher de Samaria: O filho pródigo (Lc 15); Maria de Magdala (Lc 8); Maria de Betânia (Jo 12); a mulher adúltera perdoada (Jo 8); a mulher Cananéia (Mt 15); etc. No Velho Testamento: José do Egito, Jó, Davi, Ruth e Noemi, Ester, a Sunamita, Agar etc. Todos passaram por traumas, traduzidos por perdas, prisões, fome, abandono, morte, traição, perseguição, agressões, ameaça de

morte, entre outros, mas sobreviveram, neles houve uma esperança que os fizeram superar todas as suas adversidades.

Existe uma riqueza de detalhes na história daquela mulher samaritana. O que Jesus viu nela, o porquê dele se deter em um local tão desprezível para os judeus ortodoxos. Ainda mais um lugar tão pobre como a cidade de Sicar, e mais ainda, se deter perante uma mulher com uma fama tão reprovável. A deixa se encontra no papel principal de Cristo em sua estadia nessa Terra: “Ele veio buscar e salvar o que havia se perdido” (Lucas 19). Nas regiões onde havia trevas e sombras, Ele propôs mostrar a Sua Luz.

Apesar de tudo, eis que não haverá mais escuridão para todos quantos estavam desesperançados. No passado ele humilhou a terra de Zebulom e de Naftali; contudo, no futuro cobrirá de glória a Galileia dos gentios, o caminho do mar, o Além do Jordão, gelil ha-goym, o distrito das nações. O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; sobre os que habitavam na terra da sombra da morte resplandeceu a luz. (Isaías 9.1,2).

Os exemplos deixados na Bíblia trazem para os homens, a nobreza e a fé no impossível, pois neles se encontra uma figura, Jesus Cristo, cujo potencial extrapola os referenciais paternos e maternos. Isso transcende a esfera terrena e atinge o lócus espiritual, conforme registrado no profeta Isaías: “Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? Contudo, ainda que ela se esquecesse, Eu jamais me esquecerei de ti!” (Is 49.15). As qualificações dessa mulher já estavam pré-anunciadas por Deus e, por isso, havia promessas de cuidado, socorro, e resgate. Vejamos, o que mais Isaías revela sobre as possibilidades de Deus, na pessoa de Jesus, O Cristo, em relação àquela mulher, por força da mesma não ter filhos, ter sido abandonada pelos seus cinco maridos, despojada de um lar estável, envergonhada e humilhada como resultado de sua fama:

1. Entoa alegre canto, ó estéril, que nunca teve um filho para criar; irrompe, pois, em canto, brade com júbilo, tu que jamais sentiste as dores do parto; porquanto mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos daquela que tem marido!”, declara *Yahweh*. 2. Alarga o espaço da tua tenda, estende as cordas, reforça as estacas. 3. Pois hás de transbordar para a direita e para a esquerda, a tua descendência tomará posse de outras terras e repovoará cidades abandonadas. 4. Não temas, porque não tornarás a ficar envergonhada; jamais te sentirás humilhada, porque não ficarás constrangida. Em verdade, hás de esquecer a condição vexatória da tua juventude e não te recordarás mais da humilhação da tua viuvez. 5. Pois o teu Criador é o teu esposo, *Yahweh*, o SENHOR dos Exércitos é o seu Nome, o Santo de Israel e seu Redentor, ele é chamado o Deus de toda a terra (Isaías 54).

Comparado ao chamado de Maria de Magdala (Madalena), uma mulher da qual Jesus expeliu sete demônios (Lc 8.2), a samaritana seria eternamente grata pelo socorro e cuidado exercidos pelo Mestre. Elas certamente o acompanhariam pelo resto de suas vidas, como forma de gratidão ao seu Senhor. Os Evangelhos descrevem a saga de muitas mulheres que, desde a Galileia, acompanhavam a Jesus, juntamente com os discípulos, a fim de servir ao seu Ministério e ao Reino dos Céus. Dentre elas: Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, Maria (Mulher de Clopas), Salomé (irmã de Maria), Joana (esposa de Cuza, administrador de Herodes), Suzana, dentre outras. Suas figuras ficaram registradas como um emblema de gratidão, honestidade, coragem e ousadia, pois quando muitos, por medo dos judeus, haviam abandonado ao Messias, elas permaneceram imbatíveis na fé.

Algumas mulheres acompanhavam tudo, de longe. Entre elas estavam Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, o mais jovem, e de José. Na Galileia elas tinham seguido e servido a Jesus. Muitas outras mulheres haviam subido com Ele para Jerusalém e, de igual modo, estavam ali presentes. (Mc 15.40,41)

3.5 A RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE OUVIR O OUTRO

Outra forma de ajudar às vítimas de conflitos, sejam emocionais, físicos etc, está no ouvi-las. Falar é um dom, ouvir, é um sacerdócio. Ser ouvido com manifesto interesse por parte do interlocutor estimula a superação de traumas, valida a esfera de auto influência do indivíduo, e o leva com mais facilidade ao ponto de expressão da “autoestima, sentimento de pertença, e de contenção”.⁹¹ Contrário senso, se a vítima não for objeto da devida atenção consubstanciada na empatia, pode haver repressão das emoções e o revigoramento do trauma. Por óbvio, que o necessitado deve demonstrar interesse em ser ajudado. Entretanto, nem sempre o ambiente oferece oportunidades, circunstâncias essas que, a exemplo de Jesus Cristo, devemos nos dispor a alcançá-la e, solidariamente, socorrê-la.

Quais as chances, na época de Jesus, da mulher samaritana ter a oportunidade de um recomeço? Será que o silêncio que a consumia teria sido quebrado por mais alguém, senão Ele? Alguém se importava com aquela mulher que, sequer, fazia se acompanhar por parentes, amigos, marido, para tirar água naquele

⁹¹ MELILLO, 2004. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 18.

poço histórico? Ela certamente estava no limite de suas reservas emocionais, quiçá, com ideias suicidas, sem o mínimo desejo de retornar para a casa aonde recebia seus homens. Aquele poço, o caminho e seu cântaro, eram testemunhas da sua jornada, choro e desespero, mas, o Rabi havia mudado o seu caminho a fim de finalizar o jejum daquela mulher, pois, por Sua Maravilhosa Graça, restou determinado ao resgate e a restauração de uma das suas filhas e, para isso, usou de uma conversa franca e cheia de amor, confidências, e revelações profundas. O Senhor Jesus estava disposto a ouvi-la, abraçá-la e consolá-la.

A resiliência, em grande parte, está associada à reconquista do amor-próprio, valendo-se do sentido de que está relacionada a um contexto de validação e restauração emocional daquele que sofre, ou, sofreu um trauma. Nesse caso, uma pessoa considerada sem valor, invisível, despercebida, gerará no seu processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio, insofismável rejeição, às vezes embotada, cujo processo desencadeará ausência de autoconsciência e, em consequência, comportamentos sabotadores e limitantes, relativos ao amor-próprio, eliminando a autoconfiança e a própria capacidade de sonhar. Erich Fuchs relatou que a resiliência é precedida da aceitação, assim, ela é um sinal da “importância estruturadora da confiança”, pois, “a autoestima se baseia na estima que o próximo lhe demonstra”.⁹²

Cristo estava, indiscutivelmente, validando aquela mulher. Seus gestos e ações traduziam o seguinte: “Eu te enxergo, e me importo com você”. O Mestre dialoga com aquela mulher usando, como gancho, a sua parada, intencional, para dessedentar-se. Pediu-lhe, O Rabi da Galileia: “[...] Dá-me um pouco de água para beber” (Jo 4.7). Jesus poderia esperar ela lhe oferecer, como muitos fazem, mas, sabedor de suas fraquezas e decepções com os homens, Ele não perde tempo. Sabia o quanto aquela mulher estava sofrendo recriminações ao longo do tempo, possivelmente, por várias vezes, havia sido molestada por outros homens naquele poço, ou em sua caminhada, exatamente por se encontrar sozinha e sem ajuda. Nesse contexto, ficava vulnerável devido aos seus traumas e fracasso familiar. Mas

⁹² HOCH; ROCCA, 2007, p. 18.

Cristo viu sua necessidade, cortou caminho somente para escutá-la e instruí-la para a vida. Aquele seria o momento da terapia, junto ao poço da sua aflição.

Para grandes autores, outro pilar da resiliência está na presença de espírito, ou seja, em saber lidar com situações repentinas e espontâneas. Nem todos sabem trazer, para o dia a dia, suas experiências e, nesse espectro, tirar proveito de uma forma instintiva e recreativa. Este artifício é, para Rocca, um mecanismo de defesa, “rir do imperfeito demonstra a faculdade química de tomar distância do assunto, permitindo lidar melhor com a dificuldade”.⁹³

É nessa capacidade criativa do humor, na perspectiva do lúdico, e até do artístico, como a música, teatro, dança, jogos etc. Onde encontramos saídas para a ascensão da resiliência na vida de uma pessoa. Vanistendael, estudando esse fenômeno, conseguiu enxergar em Cristo um tom pitoresco de humor, pois, por intermédio do dom, atraiu os homens para mais perto de Deus, e os ensinou a se alegrarem com o mundo, e com o Pai.⁹⁴

O diálogo entre Cristo e a mulher de Samaria desloca-se para um contexto até mesmo de descontração. A conversa assumiu rumos diferentes até o encontro da verdade que a levou, naquele horário, para buscar água. Somente as mulheres imundas, enfermas, desqualificadas social, moral, e familiarmente, deveriam tirar água na hora sexta (meio dia). O objetivo era não haver mistura com as mulheres “idôneas da sociedade”, pois essas tinham dois horários mais confortáveis e frescos (pela manhã e ao final da tarde) para se abastecer de água.

Logo, essa tarefa para a mulher samaritana se tornava mais penosa por duas razões: o horário (sol a pino), e a quantidade, já que deveria ser realizada apenas uma vez e o volume de água teria que suprir todo o período diário.

Ela não se enxergava como mulher, nem como uma filha do Pai Eterno. Portanto, a sua autoestima era baixíssima e, como consequência, o seu entendimento experiencial era diminuto. Não fosse Jesus Cristo, conhecedor do coração humano, ninguém, ou, pessoa alguma, poderia ir ao seu encontro, ouvi-la, entendê-la, socorrê-la e restaurá-la.

⁹³ HOCH; ROCCA, 2007, p. 19.

⁹⁴ VANISTENDAEL. 2005. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 20.

Heráclito, do século V a.C. afirmou que “As palavras são fármacos, elas têm o poder de curar”. Já o filósofo Sócrates enfatizou que “As palavras são *pharmacom*, elas possuem o poder de curar a alma”⁹⁵. O diálogo proposto ali era exatamente esse, trazer cura e novidade de vida para a desvalida. O Messias abriu a boca, tão somente, para dar início ao processo de aproximação, em razão das diferenças sociais e políticas existentes entre judeus e samaritanos. Em seguida, Ele deixou que a mulher samaritana se manifestasse, e que desnudasse os seus mais profundos sentimentos, os quais, já eram do Seu conhecimento, oportunidade em que, sábia e amorosamente, lançou a semente das possibilidades, a fim de despertar a fé e a esperança, o que lhe traria a cura.

Então lhe respondeu a mulher de Samaria: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, uma mulher samaritana? [...] Indagou-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que pegar água, e o poço é fundo; onde tu podes conseguir essa água viva? 12 Acaso tu és maior do que nosso pai Jacó que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos e seu gado? [...] A mulher lhe pediu: Senhor! Dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água. [...] Confessou-lhe a mulher: Não tenho marido. [...] Reconheceu a mulher: Senhor, eu percebo que tu és um profeta! 20 Nossos pais adoravam sobre este monte, mas vós, judeus, dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. [...] A mulher disse a Jesus: Eu sei que o Messias está para vir. Quando Ele vier, Ele nos esclarecerá sobre tudo. (João 4).

⁹⁵ MATTA, Ivan. *A Arte de Curar Feridas*. Editora Matta. Brasília, DF. 2015. p. 127.

4 AS CONSEQUÊNCIAS BENÉFICAS DA RESILIÊNCIA PARA AS RELAÇÕES DE CUIDADO

Aqui o objetivo é destacar a importância do cuidado como instrumento substancial para se despertar o processo interno da resiliência. Para isso, há uma necessidade de tratar tanto de quem está doente quanto daquele que cuida. Lembrando que o cuidado ao próximo era uma prática desenvolvida na igreja primitiva, ensinamentos esses difundidos por Jesus em seus discursos e prática cotidiana com seus discípulos junto ao povo. Hoje, essa relação está impregnada numa liturgia próxima da necessidade da pessoa assistida, e em harmonia com integridade do homem, natureza e sociedade. Levando-se em conta que as relações de cuidado são pessoas e não robôs virtuais, ainda que o uso da tecnologia seja excelente, deve-se levar em conta que a aproximação do humano, potencializa e enfatiza a relação de cuidado amoroso para com a pessoa ferida.

Em razão disso, trataremos de assuntos como: sofrimento, resiliência e fé nas Escrituras Sagradas, como as fontes mais antigas e promissoras para se encontrar uma reação positiva face às adversidades.

4.1 DA RESILIÊNCIA E DAS RELAÇÕES DE CUIDADO

Para a professora e psicóloga Rosely M. Kühnrich de Oliveira,⁹⁶ o cuidado seria o pano de fundo central para, depois, entrar em cena a resiliência. Após as apresentações, introduz-se no cenário a necessidade de se conhecer e aplicar, a ética do cuidado,⁹⁷ Neste contexto, quem cuida, tem a necessidade de também ser curado. Oliveira faz uma referência à pessoa de Jesus, como um “sarador ferido” conforme o profeta messiânico afirma:

Mas, de fato, ele foi transpassado por causa das nossas próprias culpas e transgressões, foi esmagado por conta das nossas iniquidades; o castigo que nos propiciou a paz caiu todo sobre ele, e mediante suas feridas fomos curados. (Isaías 53.5).

⁹⁶ Psicóloga clínica com especialização em Terapia Familiar. Foi professora na Universidade Mackenzie e, atualmente, é professora em Seminários Teológicos e na Escola Superior de Teologia - EST. Trabalha com atualização teológica e acompanhamento psicológico de lideranças cristãs.

⁹⁷ OLIVEIRA, Rosely M. Kühnrich. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 28.

Diante disso, a autora enfatiza a obra de Jesus como a de quem, primeiramente, teve que ser ferido para, sob os auspícios da dor, propiciar a cura. Significa dizer: Ele sofreu para consolar. Como consequência disso, a humanidade está repleta de pessoas que passaram por provações de todos os matizes, se entremeteram no curso da história e, imbuídos da fé, refletiram a sua própria resiliência e perseverança por onde passaram.

Entretanto, é bom lembrar o que a terapeuta familiar Froma Walsh⁹⁸ destacou quanto à questão da fé e transcendência, como instrumentos poderosos no tratamento para transformação, aprendizagem e crescimento em meio às adversidades⁹⁹. Nesse sentido, entende-se que as crises e os problemas podem provocar, tanto oportunidades de aprendizado, quanto, ambientes de risco. Estudos contemporâneos têm apontado a espiritualidade e a fé, como fatores provocadores de saúde mental, levando pessoas a transcenderem seus problemas, e enxergarem além das suas dificuldades. As Escrituras Sagradas chamam esse fenômeno de revestimento, cujo aparato se traduz em uma armadura capaz de confrontar os perigos materiais, espirituais e anímicos.

Por esse motivo, vesti toda a armadura de Deus, a fim de que possais resistir firmemente no dia mau e, havendo batalhado até o final, permaneceres inabaláveis, sem retroceder. Estai, portanto, firmes, trazendo em volta da cintura à verdade e vestindo a couraça da justiça, calçando os vossos pés com a proteção do Evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas as setas inflamadas do Maligno. Usai igualmente o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. (Ef 6. 13-17)

Para Winnicott, o procedimento do cuidador,¹⁰⁰ não está na perspectiva plena e perfeita de uma mãe, mas, na sua presença equilibrada. Pois, para ele, a presença não necessita ser perfeita, mas, significativa.

⁹⁸ WALSH. Froma MSW, PhD, Co-Diretora e Co-Fundadora do Centro de Saúde da Família de Chicago, Mose e Sylvia Firestone, Professora Emérita na Escola de Administração de Serviços Sociais e Departamento de Psiquiatria, Pritzker School of Medicine - Universidade de Chicago. Psicóloga Clínica Licenciada, e Supervisora AAMFT Aprovada. Disponível em: <<http://ccfhchicago.org/faculty/faculty-descrip/froma-walsh/>>. Acesso em: 01 fev 2017.

⁹⁹ OLIVEIRA. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 29.

¹⁰⁰ Winnecott, pediatra Britânico. Desenvolveu conceitos sobre a saúde mental emocional da criança, tornou a psicanálise acessível aos pais e educadores por meio de seus livros e programas de rádio. Cunhou a expressão de que as “*mães sejam suficientemente boas, não perfeitas*”. HOCH; ROCCA, 2007, p. 29.

Outro aspecto importante para Oliveira se encontra em que a pessoa deve se olhar não somente na perspectiva racional, ou seja, usando o hemisfério esquerdo do cérebro, mas, também, de forma intuitiva, artística e emocional, coadjuvando seu olhar com o lado direito do cérebro. Esse status ampliará o conhecimento da pessoa por um meio que desborda a perspectiva da razão. Patrick Glynn, em seu livro “Deus a Evidência”, aponta, empiricamente, os poderes terapêuticos da fé, demonstrando, por meio de gráficos e de estudos repetitivos em laboratórios, a sua eficiência. Destaca, outrossim, o quanto a participação constante a nível congregacional, somado a uma vida devocional frequente, atrai benefícios e capacita a pessoa a evitar ou livra-se dos vícios, fato esse que, por óbvio, reflete, diretamente, na saúde física e mental. O que seria um desvario, como afirmava Freud.

[...] a pesquisa de laboratório revelou uma conexão entre determinados estados meditativos ou de devoção e os melhoramentos mensuráveis nos indicadores fisiológicos e na saúde geral.¹⁰¹

Outra forma eficaz de cuidar e de ajudar o outro, como afirma Oliveira, encontra-se nos recursos utilizados na arteterapia, técnica esta desenvolvida com seus pacientes, principalmente, adolescentes religiosos. Ela atribui este desempenho de trabalho a Deus, como “herança divina”.¹⁰² A arte reflete um desejo de ser vivido pelo autor, hoje, ou no futuro. A certeza é que, como escrito alhures: “a arte imita a vida”, afirmação essa que, de certa forma, revela um contexto de realidade.

Diante dessa perspectiva, Oliveira se pergunta: como podemos ser cuidadores se também precisamos da ajuda e cuidado do outro? Nesse contexto, precisamos sim, do olhar do outro, de sua ajuda e validação, dando sentido tanto na nossa existência quanto sobre quem somos.¹⁰³ E é exatamente, nesse átimo, que procuramos conexão com a semelhança de Jesus. Essa busca seria pela face D’Aquele que perfeitamente representou, e exercitou o cuidado com o próximo, “a imagem visível do Deus invisível” (Cl 1.15).

As relações de cuidado também podem sugerir perigos no caminho. Isso pode ser exemplificada no desvio de roteiro de Jesus e sua abordagem direta com aquela

¹⁰¹ GLINN. Patrick. “*Deus a Evidência*”. A reconciliação entre a fé e a razão no mundo atual. Tradução de: Pedro Sá de Oliveira e Giorgio Oronato Capelli. Editora Madras. 1999. p 78.

¹⁰² OLIVEIRA. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 31.

¹⁰³ OLIVEIRA. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 32.

mulher junto ao poço. Não somente Ele poderia sofrer retaliações por parte dos magistrados, religiosos e famílias locais, como também seus discípulos, pois o ódio existente entre samaritanos e judeus, chegava às raias da insanidade.

Visitar Samaria era um grande desafio, dada a grande rivalidade étnica, social e religiosa que prevalecia entre judeus ortodoxos e samaritanos puritanos. Os judeus faziam de tudo para não passar pela província de Samaria, preferindo passar por outro lugar (Peréia) mais distante e difícil acesso, do que se contaminar pisando na região de Samaria. Cristo deixa claro para seus discípulos que não pode haver barreiras para o verdadeiro cristianismo, e que sua essência pode ser encontrada até mesmo nos lugares mais inóspitos. Cristo também estava demonstrando que seu evangelho possuía valor universal, e não mais um dogma, uma forma ritualística destituída de amor, muito menos uma doutrina morta sem amor, criada para atender a conveniência e o ego dos homens.¹⁰⁴

Jesus trata aquela mulher confrontando suas dores do passado e do presente, como que apontando para o futuro, sinalizando uma mudança em sua vida. Cabia a ela agarrar esta nova possibilidade, voltar ao lugar de sua perdição e parada, retomar as rédeas de sua existência, e seguir em frente. Nesse ínterim, o vaso que ela carregava traduziria um simbolismo. Foi preciso ela buscar forças e deixá-lo no poço, pois, como começar do zero ainda agarrada ao passado? “A mulher, então, deixou o seu cântaro, foi à cidade [...]” (Jo 4.28).

O retrato pintado da figura de Cristo, é o de um sarador ferido. No episódio da mulher samaritana, há uma alusão sobre os enfrentamentos de Jesus com o sistema humano, as adversidades espirituais e emocionais, a fim de ajudar uma alma aflita. Ele foi ferido, moído, humilhado, transpassado, escarnecido, esbofeteado, discriminado [...], a fim de eleger servos libertos, salvos, abençoados, prósperos, curados, honrados, protegidos [...]. Ela, a cruz, não estava ali fisicamente enquanto o Mestre conversava e tratava das chagas daquela mulher, porém, ao longe, Ele enxergava o alto preço que haveria de pagar para que fosse sanada a dívida assumida com a queda da humanidade.

E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne; deu-vos vida juntamente com Ele, perdoadando todos os nossos pecados; e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu completamente, pregando-a na cruz; e, despojando as autoridades e poderes malignos, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre todos eles na cruz. (Col 2.13-15)

¹⁰⁴ MATTA, 2015, p. 118-119.

Para o professor Gaede Neto¹⁰⁵, os cuidados são apresentados por Deus, hoje, por meio de sua legítima igreja na terra, conhecida como “A Igreja do cuidado”.¹⁰⁶ Diante deste desvelo ela apresenta salvação e cura aos seus congregados, tendo em vista que as palavras, salvação e cura, na língua alemã, também têm uma ligação muito evidenciada “Heil (salvação) e Heilung (cura).¹⁰⁷ A igreja não precisa ser luxuosa, nem de grandes e eloquentes homens, mas de pessoas dispostas a colocarem a mão no arado, mas, sem olhar para trás, e que o material utilizado seja o da mais alta qualidade – o amor de Deus que transpõe barreiras sociais, étnicas, religiosas, econômicas, etc. Patrick Glynn afirma que sem estes atributos a Igreja do cuidado se tornaria uma aberração e não uma benção.

Para Karin Hellen Kepler Wondracek,¹⁰⁸ a resiliência está diretamente ligada aos grandes traumas, ou seja, episódios que feriram a pessoa de tal forma que necessita de uma regeneração do local afetado. Nessa hipótese, ela faz menção de Freud, o Pai da Psicanálise, onde restou percebido em um processo que o ego (EU) tem uma camada protetora (podemos fazer uma analogia à pele ou escudo), a qual, quando atingida com força ou perfurada, sua proteção deixa os sentidos e sentimentos vulneráveis. Quando isso ocorre, “o trauma invade o ego e a pessoa fica tomada pela dor¹⁰⁹”. Mesmo diante deste fenômeno o ego inicia um processo lento, mas contínuo, de autorregeneração do seu escudo protetor, traduzindo-se numa “reconstrução das paredes do eu”.¹¹⁰ Segundo Freud, isto pode ocorrer de duas formas: Por meio dos sonhos traumáticos e dos objetos recuperados (brinquedos, etc), no intuito de representar uma relação fraturada.

Nesse caso, podemos perceber o quanto a Bíblia, por meio de suas várias canções, profecias, poemas, aconselhamentos, exortações, histórias, parábolas e orações, pode se transformar em verdadeira fortaleza ou “peles de revestimento de palavras”,¹¹¹ protegendo assim as pessoas dos vários sofrimentos que tentam destruí-

¹⁰⁵ Rodolfo Gaede Neto, Doutor em teologia, professor em Diaconia e coordenador do bacharelado em Teologia da Faculdades EST/São Leopoldo/RS. E-mail: rodolfo@est.edu.br.

¹⁰⁶ GAEDE NETO, Rodolfo. In: HOCH; ROCCA, 2007, p. 68.

¹⁰⁷ GAEDE NETO. In: HOCH; ROCCA, 2007, p. 68.

¹⁰⁸ WONDRAECK, Karin Hellen Kepler. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/corpo-docente-est/visualiza/karin-hellen-kepler-wondracek>>. Acesso em: 17 fev 2017.

¹⁰⁹ WONDRAECK. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 85.

¹¹⁰ WONDRAECK. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 85.

¹¹¹ WONDRAECK. *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 86.

las, da mesma maneira como ocasionou em várias gerações passadas, essas histórias servem de consolo, refrigério e cura para a alma cansada e desiludida.

No encontro inusitado daquela mulher com o Mestre Jesus, Ele a fez entender conceitos perdidos nas tradições dos homens por causa das separações, preconceitos e ignorância. Ele estava desvendando um campo que ela não havia percebido, pois, tanto os judeus como os samaritanos eram alvos do amor incondicional de Deus. Outro ponto de grande ênfase está no campo da fé e da sensibilidade, pois ela estava vivendo, nitidamente, “à flor da pele” e, portanto, necessitada de respostas e de consolo que transcendessem a perspectiva humana. Jesus, sentindo isso, se apresentou como a água que na verdade ela tanto ansiava. No decorrer daquele colóquio, ela se deixou levar por estas águas e, num instante, se encontrou aliviada dos fardos. Seu desejo agora é de voltar para seu lar e comunidade, para poder anunciar o que aconteceu com sua vida após o encontro que tivera com o Mestre da Galileia.

Em Efésios 6.10, podemos perceber o cuidado protetor de Deus, e o seu caráter numinoso. A descrição de sua Palavra referente à Armadura usada pelos soldados romanos daquela época, e que, possivelmente, era a mesma usada pelo oficial que guardava Paulo na casa em Roma, local onde cumpria prisão domiciliar, detalha e explica com minúcias o quanto o Canon Sagrado é uma enciclopédia de ensino e despertamento da resiliência. Quiçá, o maior e mais detalhado compêndio sobre o assunto.

Concluindo, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder! Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do Diabo; Porquanto, nossa luta não é contra seres humanos, e sim contra principados e potestades, contra os dominadores deste sistema mundial em trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. Por esse motivo, vesti toda a armadura de Deus, a fim de que possais resistir firmemente no dia mau e, havendo batalhado até o final, permanecerdes inabaláveis, sem retroceder. Estai, portanto, firmes, trazendo em volta da cintura a verdade e vestindo a couraça da justiça, calçando os vossos pés com a proteção do Evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas as setas inflamadas do Maligno. Usai igualmente o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. Orai no Espírito em todas as circunstâncias, com toda petição e humilde insistência. Tendo isso em mente, vigiai com toda a perseverança na oração por todos os santos. (Ef 6.10-18)

4.2 A IGREJA DO CUIDADO E SUA LITURGIA

Na Igreja do Cuidado, as pessoas se colocam ao serviço de Deus com o objetivo de ajudar os demais no processo da cura, sejam elas de feridas na alma, lanhos no corpo, ou fraturas emocionais que se instalaram em qualquer estágio da vida. Diante da emergência social vigente, o professor Gaede Neto qualifica a sociedade, que é formada por várias famílias, como a mais necessitada. Essas famílias têm apresentado um quadro maior de carências comparando-as com épocas passadas, tais como: insegurança, transtornos, ansiedades, depressão, medos (de perder algo ou alguém, da violência, de doenças, da velhice etc). Partindo do princípio de que Jesus era Judeu, e aquela era a região onde residiam seus patrícios (Israelitas descendentes das doze tribos do patriarca Jacó), na parábola da ovelha perdida (Lucas 15), Jesus se prontificou a ir buscar uma ovelha que não era necessariamente de seu redil. No trecho da mulher samaritana, ela se encontrava numa esfera espiritual de urgência, ou seja, da ovelha fora do aprisco, mas, necessitada de cuidados urgentes: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco as quais devo, da mesma maneira, trazer [...]” (Jo 10.16).

Deus não fecha os olhos para as necessidades humanas. Ele poderia ter deixado aquela pessoa, rotulada como “mulher fácil”, contudo, deixou-se ser um instrumento de misericórdia e compaixão. Da mesma sorte, a mulher Siro Fenícia ou Grega, estava em sua cidadezinha até saber que Jesus havia pisado naquelas terras. No impulso de uma mãe desesperada e conturbada, segue no encalço do Mestre a fim de conseguir algo inusitado, a cura libertadora de sua filha. Ela era de outro povo, outra nação, outro idioma, outros costumes, mas soube que Jesus, O Filho de Deus, estava passando, e a sua fama era de que Ele não olhava a aparência dos homens. Diante disso, sua fé aumenta, pois sua chance era única (Mc. 7.26-30).

Assim como o Mestre, a igreja deve se mobilizar perante as circunstâncias em que as famílias têm vivido e apresentar uma solução adequada diante do caos. A igreja do cuidado não foge do problema, da mobilização social, ela não é ignorante dos fatos que nos assediam dia e noite, mas é cooperativa, inovadora, acolhedora e corajosa. Sem negar a fé e os preceitos bíblicos, ela segue fielmente fazendo às vezes do seu Senhor e Mestre Jesus, buscando aquilo que para o mundo está perdido e

sem solução, como deve ser o “Corpo Místico de Cristo na Terra”, ou seja, empoderando as “Virtudes do Reino”.

Outra importante informação é a relação que a igreja deve ter para com a coletividade e o indivíduo de per si. Ela tem armas possantes contra as crises que as pessoas estão enfrentando. Hoje, mais do que antes, as pessoas vão à igreja para serem ouvidas e não somente ouvir; para ser libertas e curadas de seus traumas e, por consequência, sentirem paz, conforto, e segurança¹¹². Hoje rito da igreja deve desenvolver uma “liturgia do Cuidado”,¹¹³ saindo do abstracionismo e do misticismo sem fundamento, para ir ao encontro de pessoas sofridas e desconsoladas com a vida. Dessa forma, ela se apresentará como “o bom samaritano”, que se importa com a dor do outro, e não a um fariseu religioso sectarista.

Na época de Jesus, os sacerdotes representavam a Deus, e a Sua manifestação se operava nos templos. Se alguém quisesse algo divino, deveria estar primeiramente apto para ir ao templo e oferecer seu sacrifício. Se quisesse obter o julgamento de alguma causa, existiam os oficiais no papel dos Juízes, entretanto, o que imperava era a corrupção e o suborno em detrimento dos pobres, das viúvas, e dos estrangeiros (Lc 18). As coisas eram muito mais complexas para as classes desfavorecidas. Na passagem da samaritana estávamos diante, apenas, de mais uma mulher ignorante de seus direitos. Ela não foi atrás do Mestre, conforme fizeram, Nicodemos (Jo 3), Jairo (Lc 8), a mulher do fluxo de sangue (Mt 9), a mulher Siro Fenícia (Mc 7). Sua esperança estava sepultada naquele caminho, seus desejos esquecidos, sua voz emudecida há muito pela família, por companheiros, amigos e vizinhos.¹¹⁴

Saliente-se, que muitas das vezes as pessoas irão até a igreja, capela ou em algum lugar de oração para buscar um consolo, uma ajuda, uma cura, uma esperança ou até mesmo um destino. Elas esperam tão somente, serem ouvidos, receber um abraço, um alimento, um cobertor, um sorriso ou, apenas, uma saudação. A Igreja do Cuidado deve ter a sensibilidade de, superando as palavras, traduzi-las em ação, propiciando um conforto para situações atuais, em resposta a possíveis traumas

¹¹² GAEDE NETO In: HOCH; ROCCA, 2007, p. 69.

¹¹³ GAEDE NETO In: HOCH; ROCCA, 2007, p. 69.

¹¹⁴ Aula do professor Flavio Schimitt - “História e Literatura do Novo Testamento” – Pós-Graduação: Assessoria Bíblica. Recanto das Emas, Brasília DF. 2016.

vivenciados por quem a busca, e sinalizando com perspectivas para um futuro resiliente.

A liturgia do cuidado necessita ser reimplantada e revigorada no Século XXI, a fim de atrair as virtudes do Reino de Deus, conforme leciona a “Oração do Pai nosso” (venha a nós o vosso reino e seja feita sua vontade na terra como no céu), para que assim nos manifestemos como verdadeiros filhos da luz e embaixadores desse “Reino”, como foram os Apóstolos na Igreja Primitiva, aonde todos tinham tudo em comum e eram respeitados e admirados por todos.

Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, e dividiam o produto entre todos, segundo a necessidade de cada um. Diariamente, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, **louvando a Deus por tudo e sendo estimados por todo o povo**. E, assim, a cada dia o Senhor juntava à comunidade as pessoas que iam sendo salvas. (At 2.44-47).

A liturgia do cuidado deve provocar a transição de uma situação caótica, produzir melhoras e criar novas perspectivas no necessitado. O ouvinte precisa constatar a sua necessidade e sentir essas mudanças. Contemporaneamente chama-se isso de autorresponsabilidade, ou seja, o reconhecimento da existência de um trauma por parte do necessitado, somado ao desejo de mudança de rumo, ou seja, a ciência do estado atual e, se possível, a consciência do estado desejado. Pela manifestação dos agentes de Deus, a ovelha precisa perceber a existência desse cuidado. O olhar do cuidador está voltado para aquele que se encontra vulnerável, independentemente do lugar. “A fé nos liberta para estar centrados no outro”¹¹⁵.

Foi exatamente o que Jesus fez com seus discípulos: mudou o roteiro com objetivo certo e sem rodeios. Era necessário passar pela região de Samaria, especificamente pela cidade de Sicar, mais precisamente no lugar conhecido como Poço de Jacó, para encontrar mais uma pessoa necessitada de águas purificadoras e transformadoras.

Abre a tua boca em favor dos que não podem se defender; seja o protetor dos direitos de todos os desamparados! Ergue a tua voz e julga com justiça, defende o pobre e o indigente (Pv 31.8).

¹¹⁵ GAEDE NETO In: HOCH; ROCCA, 2007, p.70.

Pois eu socorria e ajudava a todo necessitado que clamasse por cooperação, e ao órfão que não tinha quem o amparasse (Jó 29.12).

Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, provendo-lhe alimento e vestimenta. Portanto, amareis o estrangeiro, porque fostes igualmente peregrinos na terra do Egito (Dt 10.18,19).

Essa dedicação ao cuidado exige, da igreja e das instituições, uma excelente organização e um caráter idôneo. A igreja como fonte primária desse cuidado deve ser um pivô de inspiração para esse tempo. As “redes de cuidado” ¹¹⁶ podem unir diversos órgãos e igrejas, em prol da comunidade carente ou da família necessitada. Nesse serviço o diaconato amplia sua atenção, desborda dos limites congregacionais e, unindo forças com outras agremiações, exala o bom perfume de Cristo numa perspectiva de assistência amorosa.

O objetivo do Mestre junto daquele poço era quebrar paradigmas até então alimentados, tanto pelos Judeus, quanto pelos samaritanos. Nos dias de hoje, a Igreja deve ser a figura do Mestre, senão vejamos: o poço seria a sala de aconselhamento, ou o gabinete do Pastor, traduzido, também, num consultório, em um jardim, e até na rua. A figura da samaritana seria a representação de todo aquele que necessita de um revigoramento, de uma cura emocional, e até, de uma ressurreição espiritual. Numa expectativa mais ampla, isso poderia ser um modelo de influência social que despertaria mudanças culturais, pois a realidade estaria pautada no cuidado amoroso com o próximo, livre das peias do egocentrismo e da visão individualista permeada pelo racionalismo, orientado, sobretudo, pela razão e pela vontade, negando qualquer ordem transcendente.

[...] Sai agora mesmo para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos'. Mais tarde lhe relatou o servo: 'Tudo o que o senhor mandou está feito conforme a tua vontade, mas ainda há lugar!'. Então ordenou o senhor ao seu servo: 'Ide por vários caminhos e atalhos e os que encontrar obriga-os a entrar, para que a minha casa fique repleta. Porquanto vos asseguro que nenhum daqueles que previamente foram convidados provará da minha ceia. (Lc 14.21-24).

Na igreja do cuidado existe a certeza de que Cristo se encontra no barco mesmo que os ventos estejam contrários, Ele tem o poder de transformar situações de risco em oportunidades de livramento. A fé toma o lugar da teimosia, ou melhor,

¹¹⁶ GAEDE NETO In: HOCH; ROCCA, 2007, p.70.

ousa enxergar a esperança em dias melhores. O Apóstolo Paulo em 1 Co 12.25,26 diz:

“Todavia, Deus estruturou o corpo atribuindo maior honra aos membros que dele tinham necessidade, a fim de que não haja divisão no corpo, mas sim que todos os membros tenham igual dedicação uns pelos outros. Desse modo, quando um membro sofre, todos os demais sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se regozijam com ele.

Ao meditar na história da mulher samaritana, percebe-se que a sua vida era permeada pelo medo. O seu algoz habitava internamente na sua existência, o que provocava uma vida exterior medíocre, limitada e sem qualquer perspectiva de mudança. Talvez, nunca houvera sido objeto de um amor verdadeiro, capaz de lhe provocar um sentimento de proteção e de pertencimento. De repente, Jesus Cristo provoca o seu desconforto, ou seja, traz à tona a sua desilusão, desperta o genuíno amor, e apela para a bendita troca de fardo, já que o do Mestre é leve e suave, pois desponta do seu coração Divino. Jesus usa uma técnica muito atual, qual seja, profere uma indagação afirmativa: “Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber [...] Jesus respondeu, [...] Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (Jo 4. 7,9-10).

O maior problema é que o medo nos absorve, enfraquece, reprime, atormenta, e limita o nosso olhar às circunstâncias do momento. Esta mulher se encontrava amordaçada pelos traumas e decepções amorosas. Mas, no Poço do Patriarca, surge o defensor público, juiz, conselheiro e psicólogo da sua alma. Ela não imaginava, mas sua causa já estava ganha, bastava ela confiar N’Ele, e se entregar totalmente. Esse é o papel da igreja do cuidado: ficar atenta aos seus congregados e visitantes, cativar os de fora, a fim de atraí-los para dentro da ótica divina. Não somente trazer, mas sair para buscar, tratar e alimentar. Depois disso, os que foram tratados retornarão, livremente, trazendo seus molhos, ou seja, pessoas para serem cuidadas e tratadas. Isto se torna um ciclo constante entre cuidadores e feridos.

4.3 O SABER CUIDAR ENVOLVE A HARMONIA COM O SER, A NATUREZA E A SOCIEDADE

Diante das grandes mudanças sociais que resultaram no afastamento do homem da natureza, somado à virtualidade, que gerou, conforme leciona Zigmunt

Bauman, em sua Obra; Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos, a liquidez das relações interpessoais, pode se pensar que o anseio pela companhia uns dos outros, foi extirpado do homem, quando, na verdade, o que existe é uma grande carência de afetividade. É trágico, mas nossos maiores desejos se firmaram numa perspectiva vazia de individualismo. Em contrapartida, podemos perceber que o homem distante do seu próximo gerou um esfriamento comportamental existencial, que chega às raias da mais absoluta indiferença. Como resultado dessa transformação social o cuidado com o semelhante foi abandonado e, por consequência, o sentimento de compaixão, que é ínsito à natureza humana, restou calcificado.

Sábios da antiguidade, como também alguns de nossos dias, são unânimes em afirmar que a essência do ser não está totalizada na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas na capacidade do homem de cuidar de si e do outro.¹¹⁷ É nessa perspectiva do cuidado que o homem encontra o verdadeiro valor, como também a autêntica virtude necessária para preencher sua vida com boas ações. Sofremos, há muito tempo, o excesso do conhecimento desvinculado do cuidado necessário, não somente com o nosso semelhante, mas também com a terra, nosso “único habitat”. A busca desenfreada pelas conquistas, medalhas, riquezas, ostentações diversas, tem colidido com o que é verdadeiro e essencial para nossas vidas, e isso tem levado a humanidade a ter vislumbres do podium como o único objetivo pelo qual vale à pena batalhar e viver.

É necessário que tenhamos consciência dessa realidade, na esperança de que essas áreas doentias que desenvolvemos, possam ser extirpadas de nossa complexidade, a fim de que sejamos curados. Até mesmo a Terra não suporta mais tamanha tormenta, ao ponto de gemer aguardando a manifestação dos filhos maduros de Deus que transformarão o caos fazendo nascer rios no ermo e águas no deserto.

Neste contexto secularizado e globalizado surge o tão conhecido bichinho “tamagochi”, brinquedinho japonês (1997). Este objeto sem fôlego de vida requer de seu dono um cuidado e atenção especiais. Nessa roupagem lúdica presencia-se a essência do ser, empregada em uma forma de brincadeira, necessitando de uma análise mais séria, pois este cuidado deve ser transpassado para a vida real, ou seja,

¹¹⁷ BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do humano. *Compaixão pela Terra*. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 11.

do humano para outro humano, e não para um brinquedo. Esse cuidado fantasioso aponta para a real situação de solidão e isolamento nos quais se encontram o homem e a mulher dos “novos tempos”. Existem, ainda, as classes que envolvem grupos especiais como os idosos, as crianças, doentes mentais, os marginalizados e as minorias. Esse povo é real, e o seu gemido é consequência da falta de atenção, respeito, e zelo devidos. A vista disso pode-se criticar tal comportamento perante um objeto inanimado.

O tempo urge. Precisamos desbordar das teorias, leis, filosofias, teologias, para uma abordagem que apresente uma visão do todo (holística – ecológica - espiritual). Verifica-se, a mais não poder, que o tratamento focado nas partes doentes, resulta em uma melhora significativa do todo e, portanto, poderá haver cura do carcinoma maligno da civilização. O eu (ego) dar lugar ao coletivo, resultando em que o ethos (modelo de casa humana/animal) individual, transforme-se na casa humana comum a todos – a Terra.

Boff nos convida a pensar na dimensão da magnanimidade de Deus, o Grande e Justo Legislador, quando testemunha a grandeza da sua criação¹¹⁸ (Davi - Salmos 33, Paulo - Romanos 1). Isso implica em sugerir o seu cuidado, desvelo, sua majestade e poder. Diante desse legado, entende-se uma geração criada para este fim, cuidar um dos outros, não com excessos ou negligências, mas na dosagem certa, respondendo à pergunta de todo ser: “para que nascemos?”.

Nesse mesmo viés, poderemos entender os atos de empoderamento das mulheres por meio do cuidado de Jesus no Novo Testamento. Ações que trouxeram entendimento e novas diretrizes no que tange ao tratamento com o próximo, dando ênfase ao segundo maior mandamento “Amar o próximo como a si mesmo”. Jesus entendia o diálogo feminino, ele se compadeceu, não as viu como um bichinho sem vida ou que colocasse o homem em risco, mas, como humana e criada à imagem de Deus.

Nos Evangelhos Jesus estava sempre perto dos necessitados, nunca abandonou os famintos e párias da sociedade. Ele era seguido por uma falange de mulheres desde a Galileia e Jerusalém (Mt 27.55), que demonstravam gratidão pelo

¹¹⁸ BOFF, 2002, p. 69.

reconhecimento de sua importância no cenário da Palestina e demais regiões por onde Ele passava. Na verdade, esse sentimento de pertencimento nunca existira, já que ninguém as escutara ao longo dos séculos.

Dentre essas mulheres temos: Sua mãe Maria (Jo 19.26,27); Maria Madalena, da qual expulsou sete demônios (Lc 8.2); a mulher pecadora que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas e as enxugou com seus cabelos (Lucas 7); a mulher Grega/Sírio Fenícia que se humilhou (Mc 4.26); a mulher hemorrágica que enfrentou a multidão (Lc 8.45), Marta e Maria, irmãs de Lázaro, aquele que fora ressuscitado por Ele (Jo 11); a mulher samaritana (que se deixou ser curada para poder curar, Jo 4); e, muitas outras, como Joana, que era a esposa de Cuza, encarregado da casa de Herodes. (Lc 8.3), Salomé (sua tia) que comprou especiarias para ungir o corpo do seu Senhor e Mestre (Mc 15.40), Maria mãe de Tiago e José, que seguiu os soldados para ver onde haveriam de colocar o corpo de Jesus (Mt 27.56), bem como, muitas outras.

Jesus Cristo deu oportunidade de mudança na vida das mulheres, estendendo o cuidado e reconhecendo a humanidade que lhes é ínsita. Diante deste cuidado, estendido para uma classe desfavorecida e menosprezada pela sociedade, Jesus deu o suporte necessário para que elas adentrem novamente para seu devido posto diante da criação e da sociedade sob todos os aspectos. Suas vidas não seriam mais as mesmas. Suas rotinas mudariam: seu íntimo daria lugar a uma nova perspectiva emocional, racional e psicológica; autoconfiança recuperada; confiança em si própria e em Deus. O resultado se deu no forjamento de um caráter firme, resiliente, moldado para o enfrentamento das circunstâncias mais difíceis, dolorosas e, às vezes, insuportáveis.

De vasos de desonra, Jesus as conduziu para o status de discípulas integras do seu Mestre e Senhor. Elas foram transformadas em Colunas da Igreja. De mulherzinhas, observadas com desconfiança pela sociedade andocêntrica, elas foram alçadas ao nível excelente de testemunhas oculares e pregadoras do Evangelho. Onde havia escuridade sombria, raiou a luz, onde havia trevas, despertou o Sol da Justiça, onde havia morte veio vida, e vida em abundância (Is 9:2).

No alvorejar da igreja, Deus, por meio de seu Filho Unigênito, traz um novo grupo de Oficiais para o seio de sua igreja. As mulheres, a partir de então, não mais

ficariam fora do culto e à margem da celebração, agora, fariam parte desse espetáculo do céu. Suas histórias seriam contadas com amor, ardor e respeito. Seu desempenho traria novas formas de propagação do evangelho, aonde, talvez, somente a intimidade e sensibilidade feminina entrariam, e alcançariam os feridos. Deus fez cada ser dotado de capacidades e especialidades únicas.

Ao que tudo indica, e pelo conhecimento dos fatos experienciados no convívio social, para o cuidado, a mulher tem mais sensibilidade do que o homem, inclusive, em questões fisiológicas. Podemos então dizer que a sensibilidade para o cumprimento dessas tarefas está em seu DNA. Isso não implica afirmar que o homem (macho) não seja dotado das mesmas qualidades, ou que não possa se revestir delas. Assim como Jesus passou três anos com seus discípulos homens, ensinando-os a olhar e sentir como ele, é possível aflorar em toda a humanidade esses mesmos talentos.

O cuidado e o desvelo de Jesus trouxeram vida aos corações femininos, os quais se encontravam entristecidos e oprimidos pela cultura da época, cujas características querem continuar impressas em algumas mentalidades dos séculos XX/XXI. Todos os tormentos e dores até então sofridos por elas não seriam desnecessários, mas serviriam para formar competências capazes de exalar o mais precioso perfume da adoração. Aquelas mulheres, à exceção de algumas, estavam aos pés da cruz (Jo 19:25). E não pararam por aí, bem cedo estavam à porta do túmulo (ao terceiro dia), quando todos estavam de portas trancadas com receio dos judeus.

A disposição, coragem e proatividade delas permearam a história dos quatro evangelhos e de todo o Cânon, porque alguém creu e confiou nelas, numa época em que todos haviam virado as costas para suas necessidades. Jesus inaugurou uma nova época, estendendo as suas mãos dando-lhes o seu cuidado e amor essencial. Em troca disso nasceram ramos frutíferos junto à fonte de águas vivas (Gn 49.22), e nesse ramo houve graça, perseverança, ousadia e força, como formas de expressar gratidão. Mesmo diante de tantas dificuldades que viriam pela frente tentando calar a voz das mulheres, este histórico por se só ecoaria pelos séculos e séculos até os dias

atuais, inspirando a outras mulheres a este encontro memorável com Jesus junto ao poço de Jacó.¹¹⁹

4.4 SOFRIMENTO, RESILIÊNCIA E FÉ NA BÍBLIA

A Bíblia nos oferece uma série de exemplos de pessoas que passaram por vários tipos de sofrimentos e dores e, ao final, resultaram fortalecidos e prontos para as jornadas da vida. Segundo análise do professor e conselheiro pastoral Lothar Carlos Hoch,¹²⁰ a resiliência não está somente explícita nos textos bíblicos, mais do que isso, o seu significado permeou a vida e o cotidiano das pessoas que dela se apropriaram. Hoch define a resiliência como uma reserva no interior de cada indivíduo, colocada exatamente por Deus em sua criação. Essa força está à disposição do indivíduo, podendo ser utilizada a qualquer momento, basta buscá-la.¹²¹ As pessoas que se deixam levar pelo sofrimento são alvos da destruição, mas aquelas que tiram forças no sofrimento são capazes de superar qualquer adversidade.

Sigmund Freud,¹²² apesar de todo seu ateísmo e contrariedades quanto à fé e a existência de Deus, proferiu que cada ser humano tem o “instinto da vida”, ou seja, o “poder” de dar a volta por cima, e a isso se dá o nome de resiliência. Na esfera cristã e religiosa, essa força está resumida em uma palavra curta, “fé”, que se traduz na confiança, e por ela potencializa-se a força dentro do ser, podendo ser exercitada “como um músculo”.¹²³

Têm-se exemplos de pessoas que se armaram dessa fé nas Escrituras. Seus personagens foram resilientes, e deixaram grandes e graves referências. Esse poder é encontrado nas histórias de Sarai (Sara), Abrão (Abraão) e Agar (serva egípcia) (Gn 16.1-14).¹²⁴ Duas mulheres, uma estéril com idade avançada, talvez, por isso,

¹¹⁹ Aula dada pelo professor Flavio Schmitt de “História e Literatura do Novo Testamento” na Pós Graduação: Assessoria Bíblica. Recanto das Emas, Brasília DF. 2016.

¹²⁰ Lothar Carlos Hoch, Pastor da Igreja de Confissão Luterana no Brasil; doutor em Teologia pela Universidade de Marburg. Alemanha; professor de Aconselhamento e Teologia Pastoral na Faculdade EST. E-mail: lothar@est.edu.br.

¹²¹ HOCH; ROCCA, 2007, p.73.

¹²² Sigmund Schlomo Freud, nasceu em Morávia, República Checa, em 6 de maio de 1856, faleceu em Londres, em 23 de setembro de 1939, mais conhecido como Sigmund Freud, foi um médico neurologista criador da psicanálise. Freud nasceu em uma família judaica. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud>. Acesso em: 10 fev 2017.

¹²³ HOCH; ROCCA, 2007, p. 73.

¹²⁴ HOCH; ROCCA, 2007, p. 74-76.

desprezada por sua comunidade, e a outra escrava que não valia mais do que uma propriedade, sem vontade ou liberdade de escolha. As duas passavam naquele momento por crises, e exatamente, naquela oportunidade, a situação se agrava com as escolhas feitas por Sarai. A escrava, obedecendo às ordens de sua senhora, engravidada de Abrão, e ao invés de honrar a sua ama, não se compadecendo de sua esterilidade, a desprezou, oportunidade em que suscitou a ira de Sarai. A questão é que Sarai não estava disposta a deixar sua condição de esposa, enquanto Agar já estava cantando a pedra de nova consorte de Abrão.

Contemporaneamente, podem-se perceber situações com esse mesmo perfil dentro de uma comunidade ou lar. É neste ambiente que Deus é invocado como Juiz. Sarai toma novamente as rédeas da situação e Agar, sua serva, volta à sua antiga posição. Sarai poderia ter se abatido de forma a entregar os pontos (sua casa, esposo e posição), no entanto, ela se reveste de força pela fé em Deus, e sai no encalço de sua vitória.

Contrariamente, o deserto foi o refúgio da serva Agar, pois se encontrava grávida, ferida moralmente e, quem sabe, fisicamente. Talvez seu desejo fosse, naquele momento, a morte, entretanto, as Escrituras revelam que ela se encontrava junto a uma fonte, local em que o anjo do Senhor interpelou o seu coração. Naquele momento, o que se percebe é a manifestação do amor incondicional de Deus, mostrando a sua preocupação e ocupação com alguém, em princípio, desprezível para alguns e invisível para outros. Ele a amparou quando todos a abandonaram. Diante disso, ela diz: “Tu és um Deus que vê” (Gn 16.13). Quem diria que uma escrava fosse visitada por Deus? Perante essa gloriosa visitação, ela se mune de forças, se enche de graça e humildade e retorna para seu lar.

Pode-se perceber que estas duas mulheres tinham muitas coisas em comum: as duas precisavam de um milagre e de um encontro com o Deus que vê tudo e, ademais, as respostas ocorreram de forma inesperada para ambas. Para Sarai o Senhor foi sua Justiça e, para Agar, foi Aquele que a viu.

Outro exemplo exposto por Hoch foi a vida do Apóstolo Paulo. Ele mesmo disse:

Porquanto foi Deus quem ordenou: “Das trevas resplandeça a luz!”, pois Ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento

da glória de Deus na face de Cristo. O poder do servo vem de Deus. Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para demonstrar que este poder que a tudo excede provém de Deus e não de nós mesmos. Sofremos pressões de todos os lados, contudo, não estamos arrasados; ficamos perplexos com os acontecimentos, mas não perdemos a esperança; somos perseguidos, mas jamais desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus, da mesma forma, seja revelada em nosso corpo. Pois nós, que estamos vivos, somos cotidianamente entregues à morte por amor a Jesus, para que a sua vida também se manifeste em nosso corpo mortal (2 Co. 4.6-11)

Observemos o que o Apóstolo disse mais adiante a respeito de si mesmo (II Co 12.7-10): “foi-me posto um espinho na carne [...] a fim de que não me exalte”. Podemos entender como este homem soube o que era sofrer por uma causa. Mas não somente isso, como humano e pecador. Sua trajetória de vida após a revelação de Cristo foi de constantes embates, dificuldades e perseguições, não somente dos de fora, mas dos seus patrícios (At 9). Não faltaram motivos para desistir, entretanto, ele conclama os cristãos a olhar para Aquele que foi nosso maior exemplo de resiliência, Jesus de Nazaré. Ao que parece, sua experiência pessoal com o Senhor afetou, inclusive, a sua saúde física, ao ponto dele pedir que lhe retirassem aquele mal de sua carne. No entanto, Deus orienta Paulo a crer na sua Graça, pois ela seria sua cura e seu remédio de todos os dias. Portanto, ainda que tenhamos muita intimidade com o Eterno, nem todos os nossos pedidos serão atendidos, a exemplo de Moisés quando solicitou a sua entrada na terra prometida (Dt 32 e 34). Lógico que, nem por isso eles desistiram de Deus e da sua fé, ao contrário, ela os manteve na estrada da vida com firmeza e resiliência.

Outro modelo de experiência com o sofrimento foi à pessoa de Jó. Só que, diferente de Paulo que assimilou positivamente seu sofrimento, Jó redarguiu a Deus de todas as formas, pois não entendeu o motivo de seu sofrimento. Afinal, o próprio Deus deu testemunho dele: “[...] ele era um ser humano bom, honesto e justo; amava respeitosamente a Deus e evitava praticar o que era mal” (Jó 1.1). Logo, poderíamos esperar 100% de chance daquele homem nunca passar por adversidades. No entanto, no caso deste patriarca, a Bíblia descreve sobre as maiores provações que um ser humano possa suportar. Pensando de acordo com a lógica, Jó seria a última pessoa que merecia tamanha luta, inclusive essa dialética o levou a relutar e protestar com Deus.

Hoch nos chama atenção para um detalhe talvez pouco observado sobre a pessoa de Jó: ele é exposto de maneira exponencial nas escrituras, não porque questionou a Deus, mas porque nunca o negou perante as lutas.¹²⁵ Uma passagem, digna de confiança e fé, intrigante para qualquer ser vivo está descrita em Jó 2.8 quando sua esposa o vê, prostrado, doente, coberto de cinzas e feridas e ainda por cima se coçando com um caco de telha e diz: “Como tu conservas ainda sua integridade? Amaldiçoa o teu Deus e morre”. A resposta deste herói da fé confunde qualquer hermeneuta da psicologia e psicanálise, inclusive o próprio diabo, quando dá sua resposta:

[...] Mulher! Tu falas como uma louca. Porventura receberemos de Deus apenas o bem que desejamos e não também o infortúnio que ele nos permite? [...] (Jó 2.10).

Jonas Resende interpreta a gratidão de Jó no final do livro (Jó 42.1-6) de uma forma muito inteligível e atual: “Antes do meu completo aniquilamento, Senhor, eu te conhecia de um modo superficial, mas agora é como se te visse com os próprios olhos. Estou arrependido e pronto para reformular a minha vida”.¹²⁶ Diferente de Paulo, que obteve uma resposta quanto à graça que suporta todas as coisas, Jó alimenta somente sua fé, na esperança de um dia Deus o responder, ele cria no impossível de um Deus que transcendia aquele sofrimento.

Jó concebeu uma grande lição perante as adversidades, traduzindo a compreensão perante as incertezas, e aplicando a resiliência frente os sofrimentos nessa vida. Habilitar-se a aprender com o sofrimento, nos concederá uma oportunidade de fortalecimento e de confiança em Deus até o fim. Afinal, viver é desfrutar dos bens e se fortalecer nos males. Escreveu Fernando Resende, citando Francisco Otaviano: “Quem passou pela vida em branca nuvem e em plácido recanto adormeceu, quem não sentiu o frio da desgraça, quem passou pela vida e não sofreu, foi espectro de homem, não foi homem, só passou pela vida, não viveu”.¹²⁷

O proveito que a samaritana estava por tirar daquela tarde, jamais poderia ser esquecido, pois fazia parte do dever de casa, das lembranças do passado, para que

¹²⁵ HOCH; ROCCA, 2007, p. 78.

¹²⁶ FERNANDO, Edson; RESENDE, Jonas. *Dores que nos transformam*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 76.

¹²⁷ FERNANDO; RESENDE, 2002, p. 87.

fossem, dentro da medida do possível, sendo corrigidas e esclarecidas. No seu processo de redenção, as dores e as vergonhas teriam que emergir para que fossem expurgadas. Após essa catarse, deixou de existir espaço na nova samaritana para essas misérias que sempre a arrastavam para a sua solidão.

Nos dias atuais, observa-se que a humanidade nega a dor, ou seja, o sofrimento não tem mais aceitação como um ponto de compreensão da vida, de crescimento espiritual, de fortalecimento do caráter e como a forja, ou a bigorna que, passando os metais pelo fogo, os fazem mais fortes e resilientes. Prega-se outros mecanismos para substituir os infortúnios, para alienar a alma e distrair o espírito, evitando-se, inclusive, a reflexão sobre a dor que muitas vezes leva as pessoas a Deus. Não se pretende aqui, fazer uma abordagem da teologia do sofrimento. Entretanto, a questão é porque não compreendemos a amargura, o desassossego, como momentos de aprendizagem e de amadurecimento? É perceptível que, quando se está sofrendo ou cuidando de pessoas enfermas, o ser humano fica mais ensinável, mais sensível para refletir sobre a vida e as questões da fé. Logo, percebe-se que esses estados podem ser um dos objetivos pelo qual sofremos e, como consequência, nos inclina a uma aproximação maior de Deus. Além do mais, não é uma questão de compreensão ou aceitação, mas, de vivência. A dor faz parte da vida, e se o processo de insatisfação, dor, angustia etc, pode ser capaz de abrir as mentes humanas para as questões eternas, logo, pode-se então atestar que também conduzem ao conhecimento do Pai dessa Eternidade.

Isso é resiliência, afirma Hoch: “deixar-se transformar pelo fogo do sofrimento para uma vida com mais profundidade e sabedoria, [...] que na graça de Deus, nos capacita a aguentar a própria dor e a [...] alheia sem sucumbir totalmente”.¹²⁸

[...] e o dia da morte é mais proveitoso que o dia do nascimento. Mais vale ir a uma casa em luto do que ir a uma casa em festa, porquanto este é o fim de todo ser humano; e desde modo, os vivos terão uma grande oportunidade para refletir. Mais vale um momento de tristeza do que dias de riso, porque é o rosto circunspecto que produzirá um coração compreensivo. Portanto, o coração dos sábios está na casa onde há luto, mas o coração dos insensatos, nos banquetes e em lugares de muito riso. Mais vale escutar a repreensão de um sábio do que as adulações dos tolos; [...] (Ec 7.1-5).

¹²⁸ HOCH; ROCCA, 2007, p. 79.

Se isso são verdades, então entendemos o valor apreendido por Jó e Paulo nas citações elencadas. A cura para os sofrimentos e dores pode estar em níveis muito mais profundos e muito além do receituário médico, da alopatia ou da homeopatia. Os sintomas devem ser percebidos antes dos analgésicos, posto que temos um corpo complexo, não somente físico, mas também alma, espírito e, como resultado, as emoções. E tudo isso implica em primeiro diagnosticar com mais precisão aonde realmente está doendo, e qual o tipo de dor para, aí sim, identificar a posologia do remédio a ser ministrado.

Para Hoch, resiliência tem a ver com a teimosia para viver com superação de barreiras¹²⁹. Mas é preciso saber reconhecer os limites. Jó estava disposto a morrer confiando na justiça de Deus, em que pese haver tentado se justificar, em alguns momentos, por suas próprias obras. Assim como a resiliência, existe também o momento da compreensão do fim para todos, isto não é fraquejar, afinal a vida é um Dom de Deus. Jó entendeu isso, quando disse: “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu o Senhor o tirou. Bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1.21). A sua confiança não estava pautada somente nesta vida, senão seria como Paulo proclamou “muito miserável” (1 Co 15.19). Diante disso, a natureza de um vencedor não está somente nas batalhas vencidas, mas nas experiências das derrotas.

Interessante que Jesus não usou de triunfalismo sobre as dores daquela pobre mulher. Ele trabalhou em seus sentimentos e emoções. A dor seria um canal pelo qual entraria a mensagem do Reino dos Céus naquela ovelha desgarrada. Seus conflitos entenebreceram seu entendimento de várias questões sobre a fé. Sem esquecer-se dos enfrentamentos de tradições dos dois povos. A samaritana, com uma boa dose de antídoto extraído da dor teve, como resultado, a sua cura interior.

Jesus, em sua incessante batalha na Cruz contra a aflição que o consumia, deu um brado de confiança ao Pai, quando disse: “Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito” (Lc 23.46). O Filho de Deus concebeu esse exemplo de resiliência e de confiante entrega, na hora de sua maior provação. Com isso, entende-se que Ele foi exemplo em tudo, até mesmo na morte.

¹²⁹ HOCH; ROCCA, 2007, p. 80.

Para Thomas Heimann,¹³⁰ o termo resiliência não encontra conformidade no contexto das Escrituras. Entretanto, são recorrentes os exemplos de superação explicitados nos textos sagrados. Ora, a questão da compreensão do texto bíblico quando utilizado em uma sessão de terapia, ou em uma reunião de aconselhamento, por exemplo, não deve se limitar apenas ao ensinamento pedagógico, pois é preciso extrair o sentimento que, de uma maneira empática, faça evocar a resiliência a fim de superar a perspectiva clínica e transcender a lógica da medicina, ou até mesmo do panorama teológico. Na medida do possível o que ele está ensinando seria como vivenciar uma “empatia textual”.¹³¹

Entre os assuntos abordados poder-se-ia perguntar o que Sara sentiu diante do desprezo de Agar e, com muito mais preocupação, o fato do silêncio de seu esposo Abrão. E o resiliente Jó? Qual foi o seu sentimento mais profundo diante de todas as suas perdas, principalmente de seus dez filhos e de sua saúde? Neste cotejo, vislumbra-se a realidade vivida naquela época e a percepção atual destes mesmos anseios, percebendo como a Bíblia é real diante desses fatos que detalham a natureza humana.¹³²

O professor Heimann alerta aos cristãos para não caírem na visão maniqueísta (dualista) da fé, do ponto de vista do entendimento bíblico, visto que nos deparamos com paralelismos na Bíblia, a exemplo do que se encontra no texto sacro de Eclesiastes 3.1-8:

Para todas as realizações há um momento certo; existe sempre um tempo apropriado para todo o propósito debaixo do céu. Há o tempo de nascer e a época de morrer, tempo de plantar e o tempo de arrancar o que se plantou, tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de edificar, tempo de chorar e tempo de rir, tempo de lamentar e tempo de dançar, tempo de atirar pedras e tempo de guardar as pedras; tempo de abraçar e tempo de se apartar do abraço, tempo de buscar, e tempo de desistir, tempo de conservar e tempo de jogar fora, tempo de rasgar, e tempo de costurar; tempo de ficar quieto e tempo de expressar o que se sente, tempo de amar e tempo de odiar, tempo de lutar e tempo de estabelecer a paz.

¹³⁰ Thomas Heimann, Psicólogo e Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB. Professor de Cultura Religiosa na ULBRA. Especialista em Psicopedagogia. Mestre em Teologia pela Faculdade EST, São Leopoldo. Professor convidado no curso de Aconselhamento e Psicologia Pastoral do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia (IEPG), São Leopoldo, RS. E-mail: thomasheimann@terra.com.br.

¹³¹ HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 81-82.

¹³² HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 82.

Portanto, não podemos dissociar a resiliência do contexto bíblico. A primeira visão a que ele se refere está em achar que o cristão é sempre resiliente, ou seja, invulnerável às dificuldades, e que nunca irá se desvanecer perante uma luta ou problema. Não existe super-homem/mulher. Estamos sim, sujeitos às calamidades, quedas, doenças, morte etc. A segunda visão está exatamente no lado oposto, a pietista (uma visão particular sobre as Escrituras e do sobrenatural) onde o cristão está à mercê do sofrimento para melhor se aperfeiçoar como discípulo de Cristo. Se utilizando de partes de versículos: “importa passar por muitas tribulações” (At 14.22). Neste entendimento, muitas vezes, o cristão se torna improdutivo para se levantar ou dar um passo para a mudança. Tudo se resume ao “Deus quis assim” ou “foi à vontade de Deus”.¹³³

Para Heimann, aqui se deve fazer uma reflexão quanto à aceitação passiva do sofrimento ou a renúncia deste para se ter uma atitude resiliente. A Bíblia informa várias saídas de emergências para a superação dos problemas que cercam a vida humana, e que existe “um ser especial” que a todo instante estende a mão para socorrer o aflito. Esta pessoa é o autor da vida, Jesus.¹³⁴

Ao analisar a mulher samaritana percebe-se que ela estava muito passiva perante a sua dor. Ela, para os outros, não passava de mais uma coitadinha, e isso a contaminou de tal forma que nos faz lembrar a história dos espias “Éramos como gafanhotos aos nossos próprios olhos, e aos olhos deles também” (Números 13.33). Não haveria mais como esconder tamanha dor e rebaixamento social. Uma mulher desonrada por ter cinco casamentos falidos. A Bíblia não revela as minúcias deste caso. Porém, com certeza, ela era portadora de uma aparência que agradava aos homens, pois teve cinco companheiros. Repita-se, ela não reagia à sua dor para que este ciclo mudasse. Agora, o desespero toma lugar em sua alma, e não mais um casamento lhe é oferecido, mas uma vida sem compromissos civis. Talvez pelo próprio aspecto de suas necessidades básicas - alimento e moradia -, ela tenha se submetido a descer mais ainda. Contudo, sabe-se que o fim desta história sem Jesus seria uma verdadeira distanásia, ou seja, uma morte lenta e cheia de agonia.

¹³³ HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 83.

¹³⁴ HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 83.

Na Bíblia, a resiliência é apresentada de forma explícita por meio do Filho de Deus, em sua encarnação. Em seus ensinamentos, Ele alertou sobre as intempéries da vida: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33). O maior exemplo, desta fé e coragem, foi atestado pela sua própria vida. Como exemplo, deixou sua melhor expressão de amor, força, esperança e resiliência, para seus discípulos, no Getsemani, cujo lugar ficou marcado por puro sofrimento, angústia, solidão e traição. Antes de sua crucificação, Ele rogou: “... pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade” (Mt 26.42). Ou seja, de forma mais humana é impossível, afinal, quem, além de ser traído e esquecido pelos seus, quer se submeter à crucificação? Noutro momento, Jesus sentiu o abandono do Pai: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste” (Mateus 27.46). Sua interação com o Pai nos aponta os questionamentos humanos que se faz diariamente “do porquê de tanto sofrimento¹³⁵”. Contudo, a resposta veio no “para quê”, pois, através de sua superação à dor e de sua formidável resiliência, todos os que crerem N’Ele têm a oportunidade de suplantar o mal e obter a indefectível salvação.

Diante disso, Heimann nos aconselha a não se deixar levar por uma “falsa resiliência”,¹³⁶ pois não existem experiências de traumas, perdas e dores, que não deixem marcas. Isto serve para quem é cuidado e para quem cuida. Não tentemos ser exemplos de invulnerabilidade humana. Ele faz alusão a um dos primeiros ensaios sobre “resiliência”, de Werner e Smith, 1982: “Vulneráveis, porém Invencíveis” (Vulnerable but invincible). Pois Jesus foi invencível já que nem a morte o fez sucumbir, no entanto, foi vulnerável em sua carne e emoções diante da dor e da morte. Em Gênesis 3.15, retratando o Messias Salvador, diz: “Este, Jesus, te ferirá a cabeça, e tu, serpente, lhe ferirás o calcanhar”. Devemos traduzir, pela lógica, o fato de que o ferido sente a dor do ferimento.

Nesse viés, percebe-se que os crentes em Deus, por meio de seu filho Jesus, são invencíveis, entretanto, continuam vulneráveis no corpo e nesse mundo. Todos têm um calcanhar de Aquiles, ou seja, algum ponto fraco,¹³⁷ e o reconhecimento disso faz-se necessário para que possamos nos submeter ao tratamento. O próprio Moisés,

¹³⁵ HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 83.

¹³⁶ HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p. 83.

¹³⁷ HEIMANN, Thomas; *Apud* HOCH; ROCCA, 2007, p 84.

em um momento específico em meio ao conflito, precisou das mãos de Hur e de Arão, para que os seus braços se sustentassem. Inclusive seu guerreiro principal, Josué, que seria seu sucessor, dependia daqueles homens, para que fosse vitorioso na guerra. Sem Deus, Moisés, Arão, Hur e Josué, o povo de Israel nunca teria vencido os Amalequitas (Ex 17. 11-13). E aqueles sem Deus, não poderiam subsistir em suas lideranças.

Se pensarmos na perspectiva do pressuposto bíblico, a resiliência é forjada com o auxílio do outro, sem isso, não há como ser forte. Outra questão de suma importância para que a cura seja integral no espírito e corpo, e não apenas superficialmente está, fundamentalmente, na ferramenta da crença, da confiança. O homem é dotado de outros atributos e não somente do corpo material, mas, de intelecto e emoções. Confirmando essas possibilidades, temos os estudos recentes da Neurociência, Neorolinguística que reconhecem, empiricamente, a dinâmica integral do ser humano.

Segundo o Médico Neurocientista, Andrew Newberg,¹³⁸ “Deus muda seu cérebro”, o cérebro humano foi “programado para acreditar em Deus”, proporcionando um bem-estar físico-emocional e espiritual.

Como Deus pode mudar a estrutura cerebral das pessoas? Andrew Newberg – Os nossos estudos usando imagens do cérebro mostram que, no longo prazo, há alterações no lobo frontal (relacionado à memória e à regulação das emoções) e no sistema límbico (ligado às emoções). As pessoas tendem a conseguir controlar mais suas emoções e expressá-las. A meditação e a oração ajudam a melhorar a relação consigo mesmo e com os outros. Também especulamos que essas práticas alteram, inclusive, a química cerebral, como os níveis de serotonina e dopamina, que regulam nosso humor, nossa memória e o funcionamento geral de nosso corpo, mas ainda não temos provas disso [...]

Há um consenso entre os cientistas de que a fé pode ajudar na manutenção da saúde? Newberg – Muitos cientistas acreditam que a espiritualidade tem um papel na saúde [...]

Há alguma diferença neurológica entre aqueles que creem e os que não creem em Deus? Newberg – Encontramos algumas diferenças, sim, e também notamos diferenças dependendo do tipo de prática religiosa.¹³⁹

¹³⁸ NEWBERG. Andrew. A fé que faz bem a saúde. ÉPOCA. Revista online disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI64864-15224-4,00-A+FE+QUE+FAZ+BEM+A+SAUDE.html>>. Acesso em: 05 abr 2017.

¹³⁹ NEWBERG. Andrew. A fé que faz bem a saúde. ÉPOCA. Revista online disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI64864-15224-4,00-A+FE+QUE+FAZ+BEM+A+SAUDE.html>>. Acesso em: 05 abr 2017.

Segundo Newberg, o profissional da saúde somente será bem sucedido em seus diagnósticos quando este estiver em parceria e entendimento sobre os conceitos da religião. Para ele o médico deverá ter o conhecimento teológico para poder saber todas as razões que levam uma pessoa a ficar doente. Ele afirma ainda que “a fé nunca se separou realmente da medicina”.

O estudo revela que as experiências religiosas envolvem as áreas de emoção e conhecimento do cérebro, distribuindo-se por várias estruturas. Os efeitos positivos dessas experiências ligadas e a fé podem ser percebidos nas mudanças hormonais, e nos sistemas imunológicos e nervoso autônomo, que levam à diminuição dos batimentos cardíacos, da alta pressão sanguínea e do estresse. Segundo Andrew, a oração também reduz a tensão muscular e diminui a incidência de doenças coronarianas, a ansiedade, a depressão e a irritabilidade aprimorando a capacidade de aprendizagem, da memória e da estabilidade emocional.¹⁴⁰

Assim, a fé e a crença em um Deus sobrenatural, levam as pessoas a se sentirem melhor, pois elevam os seus pensamentos e introduzem em suas vidas uma alta estima quiçá perdida, oportunidade em que são reconduzidas a águas tranquilas, conforme escreveu o salmista (Sl 23). As descobertas da Neurociência são a prova desse discurso tão debatido nos dias atuais, o de que a verdadeira cura somente virá com a medicina e a ciência da vida interligadas com o conhecimento de Deus.

Por fim, a terapia junto ao poço de Jacó, possivelmente, levou uma tarde toda, porém, os resultados se perpetuaram na vida daquela simples mulher refletindo na sua comunidade. E é exatamente esse ensino que Cristo nos deixou: fé mais confiança em Deus igual às boas novas e obras perfeitas (Jo 4.23, Tg 2.18; 3.13). Essa prática nos conduzirá à paz de espírito e a uma vida abundante no Pai, para a edificação do outro (Jo 10.10).

¹⁴⁰ SILVA, Elton Teixeira da. Acreditar em Deus faz bem para a saúde. GAZETA NEWS. Online disponível em: <<http://agazetanews.com.br/noticia/saude/54195/acreditar-em-deus-faz-bem-para-saude>>. Acesso em: 05 abr 2017.

5 CONCLUSÃO

Ao finalizar esse trabalho, deduzimos que por muitos anos as mulheres foram mal compreendidas dentro das concepções Criacional, comunitária, familiar e religiosa. A crença, como um meio de poder dentro dos grupos sociais, restringiu a mulher a uma condição inferior, dando uma forma descaracterizada de seu criador, e incutiu nela uma compreensão pecaminosa do seu ser. Como resultado disso os rótulos empregados ao gênero feminino, na sua grande maioria tiveram conteúdo depreciativo e malévolo.

Após esta leitura, podemos entender que a mulher foi concebida com todo o desvelo e cuidado de seu criador, tanto quanto o homem, e aos dois foram outorgados a igualdade de responsabilidades. Mas, o pecado no Jardim do Éden quebrou toda a harmonia existente no relacionamento entre o homem e a mulher, maculando suas gerações posteriores.

As consequências dessa queda minaram todo o processo de amor e respeito recíprocos. À mulher foi suprimido o direito de falar e de escolher, e a sua submissão ao homem lhe colocou como substrato de uma sociedade que inferiorizava e a igualava a condições inferiores. Esse status acompanhou tão fortemente a coletividade, ao ponto de na década de 70 (século XX), fazer surgir a expressão “porco chauvinista” (do francês chauvinisme), cunhada para criticar o machismo que imperava no Brasil, e o tratamento que os homens dispensavam às suas consortes.

Podemos concluir que a família, enquanto célula mater da sociedade, deve ser a primeira a amparar e dar um tratamento digno às mulheres, seja na qualidade de esposa, mãe ou filha. Percebe-se que nos dias atuais, apesar do Estado se encontrar aparando legalmente os direitos de cada cidadão, no que tange às mulheres essa proteção sempre chegou um pouco tardia, principalmente nos países latinos. Tristemente, alguns países, ainda hoje, em pleno Século XXI, continuam utilizando práticas abusivas de punição, violência e até mesmo de morte, como forma de domesticar e continuar submetendo as mulheres ao poderio masculino.

Apesar de Jesus ter nascido na Judéia, no centro de uma cultura fechada e tradicionalmente patriarcal, sua vida assumiu, desde o princípio de seu ministério, uma esfera de conotação revolucionária e, em razão disso, se indispôs contra qualquer

opressão, principalmente no que tange à visão espiritual e religiosa. Ele abraçou a causa do desvalido e do moribundo, e dentro dessas causas se encontravam, principalmente, as mulheres. Ele hasteou a bandeira da dignidade para elas, oportunidade em que dialogou, ajuntou, cuidou, tocou, e as atraiu para o contexto de suas ministrações.

No texto descrito em João, capítulo quatro, percebemos a forma única de um amigo e conselheiro ao se deparar com uma pessoa totalmente perdida, estendendo-lhe a mão. A história de Jesus com a mulher samaritana causa verdadeiro espanto para os praticantes dos “corretamente éticos” na sua religião e preceitos. Jesus deixou explícito que esta era a vontade do Pai, a reconciliação dos dois sexos em sua presença, como antes descrito na criação. A vista disso, não haveria mais essa separação na nova aliança. Ele estava colocando uma base sólida para a liberdade feminina permitindo-lhes adorar ao Pai, em Espírito e Verdade. Esse comportamento motivou as mulheres a o seguirem por todas as regiões, a fim de servi-lo e conceder o sustendo ao Mestre. A partir daí, a igreja teria um novo paradigma de organização, tudo graças a Jesus e ao seu exemplo de amor com suas ovelhas.

O Mestre da Galileia, em tão pouco tempo de ministério provocou profundas transformações sociais e religiosas, causando uma fratura na espinha dorsal do pensamento judaico e romano. Ele inseriu uma overdose de ânimo e resiliência nos espíritos fragilizados pelo sistema desumano da época. A mulher de Samaria foi um exemplo dessas mudanças. Sua carreira de derrota e de dramas foi nocauteada pelas palavras de Jesus. Dalí por diante tomaria uma nova posição e se apoderaria das verdades até então oculta aos seus olhos e ouvidos. Jesus cuidou e continua a cuidar dessas mulheres. Sua assistência, segundo suas promessas, nunca teria fim, enquanto estiverem sustentadas pela seiva da sua palavra, pela fé e obediência.

No final do filme “As Sufragistas”, são lidas algumas palavras de um livro intitulado *Dreams*, algo representando a trajetória da mulher em sua vida e suas batalhas diárias travadas ao longo da história. Por esse motivo, pode-se comparar com a superação da Samaritana em sua vida por meio do cuidado do Mestre Jesus.

A andarilha continua a procurar a terra da liberdade. Ela diz: Como chegarei lá? A razão responde: Há apenas um único caminho, pelas margens do trabalho e pelas águas do sofrimento, não há outro caminho. A mulher tendo descartado tudo a que se agarrava. Pergunta: Por que vou a essa terra

distante, [...]? Estou sozinha. Completamente sozinha. E a razão disse a ela: Silêncio. O que você ouviu? Ela disse: Ouço o som de pés. Mil vezes, dez mil, milhares e milhares [...] e estão vindo para cá. A razão diz: São os pés daqueles (as) que seguirão você. Lidere-os (as)¹⁴¹.

Por fim, a verdade quanto à mistificação do contexto de vida das meninas e mulheres do mundo todo, deve ser descoberta aos olhos de muitas pessoas que não as consideram nem as respeitam como pessoa humana. Essa ruptura histórica e temporal provocará um forte embate na subjetividade de cada indivíduo, não necessariamente apenas na mulher, mas, principalmente, naqueles que nunca as valorizaram e nem se renderam perante tamanha graça a elas dispensada pelo maior homem que andou sobre essa terra, Jesus de Nazaré, o Cristo, o filho de Deus.

¹⁴¹ AS SUFRAGISTAS, 2015, cena (1:35:43s.).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. A caixa de Pandora: um olhar sobre os mitos e os medos na representação da mulher. *Educação e Realidade*, Vol./No. 15/2, 1990.

AS SUFRAGISTAS. Produção de Sarah Gravon. Inglaterra. Londres. Pathé e Focus Features. 2015. Duração de 1h.47min.

BÍBLIA de Estudo Almeida Revista e Atualizada. Evangelho de João 4.3,4. Edição SBB Sociedade Bíblica do Brasil. 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. Evangelho de João 4.3,4. Nova Versão Revista e Ampliada. Editora Paulus. 1998.

BÍBLIA Nova Tradução Linguagem de Hoje (NTLH). Evangelho de João 4.3,4. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/211/JHN.4.NTLH>>. Acesso em: 09 jan 2018.

BIBLIA. Novo Testamento. Grego. Aland. 1994.; SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. Novo Testamento Interlinear Grego-Português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004

BIBLIA. Novo Testamento. Grego. Nestle-Aland. 2012.; NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. INSTITUT FÜR NEUTESTAMENTLICHE TEXTFORSCHUNG. *Novum Testamentum Graece*. 28. revidierte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do humano. *Compaixão pela Terra*. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BROWN. Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução, Paulo F. Valério. 2a Edição. Editora Paulinas. 2012.

CARVALHO, Tiago Samuel. *A Parábola do Bom Samaritano*. São Paulo. Arte editorial. 2014.

CARVALHO, Tiago Samuel. *Quando a Graça Escandaliza*. São Leopoldo. Sinodal. 2017.

CÓSER, Silvana Maria Leal. *E no princípio era o verbo... Ou reflexões sobre a relação da mulher com a fala política*. *Educação e Realidade*, Vol./No. 15/2, 1990.

ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos. ROCCO. Rio de Janeiro. 1999.

FERNANDO, Edson; RESENDE, Jonas. *Dores que nos transformam*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

FIORENZA. Caminhos da Sabedoria. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

FREIRE, Maria Gerliane A. da S. *Aprovadas no Fogo*. Goiânia. Editora Visão. 2016.

FRIGOTTO, Silvana Maria. *Mudança social e os impactos na rede de atenção, apoio, cuidado e proteção da mulher*. São Leopoldo, RS, 2014. 136 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

GLINN. Patrick. *Deus a Evidência: A reconciliação entre a fé e a razão no mundo atual*. Tradução de: Pedro Sá de Oliveira e Giorgio Oronato Capelli. Editora Madras. 1999.

GUIMARÃES, Simone Furquim. *Efésios 5.21-33 como modelo de discurso de gênero*. São Leopoldo, RS, 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011.

HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana Maria (Org.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007.

MATTA, Ivan. *A Arte de Curar Feridas*. Editora Matta. Brasília, DF. 2015.

MELILLO. Aldo. Disponível em: <http://web.sapsicoanalysis.org.ar/index.php?option=com_content&view=article&id=173%3Adr-melillo-aldo&catid=45&Itemid=224>. Acesso em 09 de Mar. 2017.

MICHELE. Marcio. Disponível em. <<https://evocoaching.com.br/site/blindar-a-mente/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

NEWBERG. Andrew. A fé que faz bem a saúde. ÉPOCA. Revista online disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI64864-15224-4,00-A+FE+QUE+FAZ+BEM+A+SAUDE.html>>. Acesso em: 05 abr 2017.

NOVO Testamento Interlinear, Grego e Português. Evangelho de João 4.3,4. Sociedade Bíblica do Brasil. Tamboré, São Paulo. 2004.

ORIGEM DA PALAVRA. *Resiliência*. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/resiliencia/>>. Acesso em: 26 de Jan. 2017.

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt;)> Acesso em: 22 fev 2017.

PRADO, Marcos. *Estamira*. Documentário. Brasil: Rio Filme, Zazem produções Audiovisuais, 2006. Duração 115 min.

REIMER, Ivoni Richter. *Maria sempre bendita*. Textos e imaginários de uma história que se faz, desfaz e refaz.

SICHERA, Oracélia Rosa. *Manual do Líder Coach*. Desperte o líder que existe em você. Brasília, DF: Editora Saphi, 2016.

SUA PESQUISA. *Diana*. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/imperioromano/deusa_diana.htm>. Acesso em: 01 out 2018.

FREUD, Sigmund Schlomo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud>. Acesso em: 10 fev 2017.

SILVA, Elton Teixeira da. Acreditar em Deus faz bem para a saúde. GAZETA NEWS. Online disponível em: <<http://agazetanews.com.br/noticia/saude/54195/acreditar-em-deus-faz-bem-para-saude>>. Acesso em: 05 abr 2017.

PINHEIRO, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext&tlng=pt.>. Acesso em: 22 fev. 2017.

WALSH. Froma. Disponível em: <<http://ccfhchicago.org/faculty/faculty-descrip/froma-walsh/>>. Acesso em: 01 fev 2017.

WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia. São Leopoldo: Sinodal . 7a edição. 2012.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/corpo-docente-est/visualiza/karin-hellen-kepler-wondracek>>. Acesso em: 17 fev 2017.